



ÉBERTON LOPES DE AGUINO

**O DISCURSO NEGACIONISTA CONTEMPORÂNEO NO
CAMPO POLÍTICO: UM ESTUDO DE CASO**

**LAVRAS-MG
2023**

ÉBERTON LOPES DE AGUINO

**O DISCURSO NEGACIONISTA CONTEMPORÂNEO NO CAMPO
POLÍTICO: UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Letras, na área de concentração em Objetos Culturais e Produção de Sentidos, para a obtenção do título de Mestre.

Orientador
Prof. Dr. Márcio Rogério Oliveira Cano

**LAVRAS-MG
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Aguino, Éberton Lopes de.

O discurso negacionista contemporâneo no campo político: um estudo de caso / Éberton Lopes de Aguino. - 2023.

64 p.

Orientador(a): Márcio Rogério Oliveira Cano.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Lavras, 2023.

Bibliografia.

1. Discurso. 2. Negacionismo. 3. Campo político. I. Cano, Márcio Rogério Oliveira. II. Título.

ÉBERTON LOPES DE AGUINO

**O DISCURSO NEGACIONISTA CONTEMPORÂNEO NO CAMPO POLÍTICO: UM
ESTUDO DE CASO
THE CONTEMPORARY DENIALIST SPEECH IN THE POLITICAL FIELD: A
CASE STUDY**

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Letras, na área de concentração em Objetos Culturais e Produção de Sentidos, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em: 16/03/2023

DRº DANIEL MAZZARO VILAR DE ALMEIDA UFU

DRª LUCIANA SOARES DA SILVA UFLA

Prof. Dr. Márcio Rogério Oliveira Cano
Orientador

**LAVRAS-MG
2023**

*Dedico aos meus pais, Regina Maria Figueiredo e Miguel Lopes de Aquino.
Dedico ao meu esposo Glauber Olivares e, em especial, a minha querida avó Maria
Vitória Ferreira de Aquino.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Grupo de Pesquisa Leitura e Produção do Discurso (GPLPD) vinculado ao Departamento de Estudos da Linguagem (DEL/UFLA) por toda contribuição a minha pesquisa e os avanços nos estudos em análise do discurso.

Em especial, agradeço à minha família que dentro de suas possibilidades me apoiaram, confortaram e brindaram a cada conquista deste percurso.

Agradeço também aos amigos que fizeram da partilha deste percurso mais animado, engraçado e motivante.

Agradeço também aos amigos e colegas professores, coordenadores e diretores que me incentivaram e desejaram boas energias durante todo o mestrado.

De modo especial, agradeço ao meu orientador Márcio Rogério de Oliveira Cano, que por mais intenso que seja o processo de pesquisa, com sua confiança, incentivo, paciência e apoio fez da orientação um percurso extremamente proveitoso.

“Pode-se dizer que o negacionismo soa como provocação tanto aos historiadores quanto aos educadores, que devem, nesse momento, se posicionar, tendo em vista o estabelecimento de uma visão crítica e ética da história, iniciativa essencial numa época em que essa virtude se encontra tão ameaçada”. (Carlos G. N. de Jesus)

RESUMO

A crise global causada pela pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19) provocou milhões de mortos no mundo todo e criou uma ruptura no funcionamento da sociedade contemporânea, especialmente ligada ao campo científico, político e midiático. Nesse momento de crise, houve o aumento de *Fake News* e de bolhas sociais que propiciaram a ausência de interpretação de discursos e levaram uma parte das pessoas a acreditar em tudo que ouve e/ou lê. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar e compreender o discurso dito negacionista por uma autoridade brasileira durante a pandemia em 2020 e como ele se constituiu. Nesse cenário, o papel e a fala do presidente da república nessa crise são de extrema importância para informar a população. Assim, a presente pesquisa foi desenvolvida a partir de um discurso proferido no pronunciamento durante a pandemia de Covid-19, especificamente no início de 2020, pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, transmitido pela televisão aberta e publicado em sites. Nesse sentido, com base na análise desse pronunciamento, enfatiza-se o papel do discurso político do ex-presidente Bolsonaro e da priorização, por exemplo, da economia em detrimento da ciência. O trabalho debruça-se nesse discurso e argumenta que Bolsonaro subestimou a gravidade da pandemia e aproveitou dessa “desinformação” para usá-la como estratégia política. Essas questões destacam como o papel desse líder político “minou” a ciência e trouxe à tona o discurso negacionista, por isso, inclusive, esta pesquisa mostra-se relevante. Ademais, o trabalho apoia-se numa análise teórico-analítica por intermédio das referências e das discussões feitas por autores como Pechêux (2014), Courtine (2014), Maingueneau (2010, 2015) e Eni Orlandi (2005) com o conceito de condições de produção (historicidade) e com o de sujeito; Maingueneau (2006, 2015) com o de lugares de discurso (paratopia) e Jesus (2006) e Fancelli (2021) com o recorte do negacionismo. Como conclusão dessa análise, compreendemos que no interior do pronunciamento de Bolsonaro o discurso negacionista emerge a partir de estratégias, que se afastam do discurso científico e nos leva também a compreender melhor a noção de negacionismo e diferenciá-la de um processo mais próximo ao simples ato de negar, o que implica em um discurso muitas vezes sem argumentação.

Palavras-chave: Discurso. Negacionismo. Historicidade. Paratopia.

ABSTRACT

The global crisis caused by the New Coronavirus (Covid-19) pandemic caused millions of deaths around the world and created a rupture in the functioning of contemporary society, especially connected to the scientific field, political and mediatic. In this moment of crisis, there was an increase in Fake News and social bubbles that proposed the absence of interpretation of speech and led a part of people to believe everything that hears and/or read. In that sense, this work aims has as analysis to understand the speech said denialist by a Brazilian authority during the pandemic in 2020 and how it constituted itself. In this scenario, the role and speech of the President of the Republic in this crisis are extreme important to inform the population. Thus, the present research was developed from a speech uttered in the pronouncement during the Covid-19 pandemic, specifically in early 2020, by former president Jair Messias Bolsonaro, transmitted by an open television and published on websites. In this sense, based on the analysis of this pronouncement, you emphasize the role of former President Bolsonaro's political speech and the prioritization, for example, of the economy to the detriment of science. The work leans on this speech and argues that Bolsonaro underestimated the gravity of the pandemic and took advantage of this “disinformation” to use it as a political strategy. These issues stand out how the role of this political leader “undermined” science and brought up the denialist discourse, which is why this research is relevant. Furthermore, the work supports is an theoretical analysis by references and discussions made by authors such as Pechêux (2014), Courtine (2014), Maingueneau (2010, 2015) and Eni Orlandi (2005) with the concept of conditions of production (historicity) and with that of subject; Maingueneau (2006, 2015) with the discourse places (paratopia) and Jesus (2006) and Fancelli (2021) with the focus on denialism. As a conclusion of this analysis, we understand that within Bolsonaro's pronouncement, the denialist speech emerges from strategies, that retreatat from the scientific speech and also lead us to better understand the notion of denialism and distiguish it from a process closer to the simple act of denying, which implies a speech often without argumentation.

Keywords: Denialism. Discourse. Historicity. Paratopia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 NOÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO	13
2.1 Concepções de discurso	13
2.2 Noção de sujeito	16
2.3 Formação discursiva, lugares do discurso e paratopia	18
2.4 Formação discursiva	20
2.5 Lugares do discurso	23
2.6 Paratopia	24
3 CONDIÇÃO DE PRODUÇÃO E DISCURSO NEGACIONISTA.....	30
3.1 Discurso negacionista	32
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	39
4.1 Metodologia e análise do trabalho	39
4.2 Contextualização e <i>corpus</i> no campo discursivo político	41
4.3 As condições sócio-históricas do discurso negacionista manifestadas na materialidade do discurso	43
4.4 A paratopia no campo discursivo político e no campo científico	54
5 CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
ANEXO	62

1 INTRODUÇÃO

“Para construir uma interpretação, o destinatário deve supor que o produtor do enunciado respeita certas “regras do jogo”: por exemplo, que o enunciado é “sério”, que foi produzido com a intenção de comunicar com algo que diz respeito àqueles a quem é dirigido”.

D. Maingueneau

Os trabalhos já desenvolvidos sobre o negacionismo são importantes para o melhor entendimento das sociedades, para uma melhor leitura delas, inclusive. Nosso trabalho se vale da análise do discurso:

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história (ORLANDI, 2005, p. 19).

Além disso, tem como objetivo estudar e nos ajudar a compreender como o negacionismo é representado no discurso. Nesse contexto, na pandemia de Covid-19 em 2020, depois, no Grupo de Pesquisa Leitura e Produção de Discursos (GPLPD-UFLA) e no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFLA que se tornou relevante a pesquisa sobre os mecanismos do discurso negacionista.

Sabemos que a negação é um fator presente nas relações humanas, pois é considerado um mecanismo de defesa. Vale ressaltar que essa negação talvez possa ser considerada um mecanismo ineficaz, porque se baseia em simplesmente negar os fatos acontecidos à base de “mentiras” as quais acabam se confundindo e, na maioria das vezes, contrariando uma à outra. Sobre esse tipo de negação, Freud relaciona com o inconsciente:

Essa concepção de negação se ajusta muito bem ao fato de que, na análise, não se descobre um “não”, vindo do inconsciente, e que o reconhecimento do inconsciente por parte do ego se expressa numa fórmula negativa. Não há prova mais forte de que conseguimos descobrir o inconsciente do que quando o analisando reage com a frase: “Isso eu não tinha pensado”, ou “Nisso eu não tinha pensado (nunca)” (FREUD, 2014, p. 14).

Esse mecanismo estudado por Sigmund Freud, pai da psicanálise, acontece, então, quando a pessoa se recusa a reconhecer que algum evento no dia a dia ocorreu. Isso acontece e

é reproduzido no cotidiano, porém deve ser diferenciado do negacionismo, porque o que a princípio pode ser apenas um ato de defesa por determinadas pessoas, para outras a negação pode ter objetivos específicos. Ademais, é possível que o negacionismo contemporâneo retome marcas de historicidade que podem ser percebidas no discurso e dispute um lugar fora das “sombras”, o que merece nossa atenção.

Com entendimento de que todo e qualquer posicionamento, diante do grave cenário da pandemia do Covid-19, produz certos efeitos de sentido e pode custar vidas, este trabalho se faz necessário. Dessa forma, esta pesquisa pretende analisar o discurso de uma autoridade política, como o, então, presidente da república, Jair Messias Bolsonaro (gestão de 2019 a 2022), em relação à crise sanitária do novo Coronavírus. Assim, definimos como objetivo principal deste trabalho analisar e compreender se existe um discurso negacionista na política e como ele se constitui.

Além disso, os nossos objetivos específicos consistem em: I) identificar as concepções sociais e históricas do negacionismo; II) verificar as estratégias do discurso negacionista do sujeito que emerge dos recortes analisados; e III) discutir e categorizar os discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro em questão como negacionista.

Para isso, nosso trabalho se divide em três capítulos. No primeiro, a revisão bibliográfica da análise do discurso, tal como as noções de sujeito serão necessárias. Estudaremos e apresentaremos as pesquisas de Dominique Maingueneau (2010, 2015) e Eni Orlandi (2005), principalmente. Além disso, pesquisaremos sobre os lugares do discurso a partir dos estudos de Maingueneau (2006, 2010, 2015). Em tais estudos, analisaremos o lugar do espaço institucional na constituição de um discurso, buscando marcas da paratopia e da atopia. Ademais, ainda nesse capítulo, apresentaremos os conceitos e reflexões em torno da formação discursiva para traçar uma relação entre as marcas da negação no discurso com as condições de produção, trazendo como referência os estudos de Michel Pêcheux (2014) e Michel Foucault (2008).

No segundo capítulo, as condições sócio-históricas de produção do discurso terão como referência os estudos de Jean-Jacques Courtine (2014) que vão nos permitir um melhor entendimento das marcas históricas na constituição do discurso negacionista. Ainda nessa seção, discutiremos a origem e a definição do negacionismo num viés sócio-histórico, nas pesquisas propostas por Carlos Gustavo Nobrega de Jesus (2006) e Uriã Fancelli (2021).

O terceiro capítulo deste trabalho se constituirá da análise e discussão do *corpus*, que será estudado por recortes do pronunciamento oficial para a televisão aberta proferido pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro que se referiu à pandemia de Covid-19. Desse modo, esse discurso se constituirá como *corpus* para analisar as marcas de historicidade que podem

atravessar o discurso e propiciar o negacionismo, além de nos levar à pesquisa e discussão sobre a paratopia. Com base na análise das condições de produção, apresentaremos reflexões sobre como se manifestam os efeitos de sentido e os posicionamentos de um sujeito discursivo.

O estudo do negacionismo não é algo tão recente no Brasil e muito se falou dele durante a pandemia, tanto na linguística quanto em outras áreas, como a história e sociologia, que escrevem sobre o tema. Contudo, esperamos que este trabalho contribua para as discussões do negacionismo num contexto diferente, pois utilizamos das marcas de historicidade e dos discursos paratópicos para compreender se, de fato, há um discurso negacionista no pronunciamento do ex-presidente Bolsonaro e, assim, alcançar os objetivos definidos para nossa pesquisa. Nesse contexto, esperamos que os resultados da pesquisa aqui feitas se constituam como mais uma maneira de compreender o negacionismo.

Nossa pesquisa apontou que é possível afirmar que há estratégias negacionistas no pronunciamento do ex-presidente, mesmo de maneira sutil. Ao compararmos as estratégias do período do Holocausto, notamos como as marcas de historicidade desse período, as condições sócio-históricas de produção, estão presentes no pronunciamento feito em março de 2020 e como as estratégias negacionistas emergem no discurso contemporâneo do ex-presidente Bolsonaro. Assim, visualizamos que o negacionismo contemporâneo se constitui em razão dessa historicidade do discurso e se comporta como um discurso atópico. Nesse limiar, almejamos que as reflexões desta pesquisa representem mais uma forma de compreender o discurso negacionista.

2 NOÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO

A palavra discurso pode ser definida como combinação de elementos linguísticos usada pelo falante com o objetivo de expressar seus pensamentos, falar e agir sobre seu mundo exterior e interior. Nesse sentido, outras contribuições mais aprofundadas sobre a análise do discurso (AD) serão necessárias.

Neste capítulo, primeiramente, apresentaremos alguns apontamentos considerados relevantes sobre a AD, inclusive começaremos com um breve percurso histórico. Para tanto, utilizaremos principalmente os teóricos Maingueneau (2015), Orlandi (2015) e Brandão (2004), além de outros que se fizeram necessários para a discussão. Em segundo lugar, nos debruçaremos sobre o conceito de sujeito, pautado nos estudos de Orlandi (2005) e sobre formação discursiva com Pêcheux (2014) e Foucault (2008). Ademais, trataremos de lugares do discurso e paratopia com Maingueneau (2006, 2010, 2015), além da noção de lugares do discurso e paratopia que servirão de base para entendermos melhor o negacionismo. Portanto, como veremos a seguir, para que possamos adentrar nos discursos e analisá-los, é preciso passarmos por estas reflexões teóricas.

2.1 Concepções de discurso

Na linguística, de acordo com Brandão (2004), Saussure centrava seus estudos na língua, pois, segundo ele, a língua é social e psíquica, já a fala é de ordem individual. Apoiado nos argumentos saussurianos estava Bakhtin, que concordava com a visão de que a língua era um fato social para comunicação, porém não acreditava ser ela uma manifestação individual, assim valorizava a fala em suas investigações.

Ainda segundo Brandão (2004), Bakhtin, um linguista moderno, procurando formular uma teoria, a do enunciado, privilegia a enunciação, enquanto realidade da linguagem: “A matéria linguística é apenas uma parte do enunciado; existe também uma outra parte, não verbal, que corresponde ao contexto da enunciação” (2004, p. 9), ou seja, o enunciado não é um ato individual, mas uma interação social na qual a outra pessoa é importante para a constituição do significado. Ele enxerga a linguagem como um constante processo de interação, mediado pelo diálogo.

Busca-se as relações que vinculam a linguagem à ideologia. Para Bakhtin, de acordo com Brandão (2004), a palavra é o melhor lugar para a ideologia se manifestar concretamente e precisa de um material para se consolidar, esse material pode ser encarado como som, imagens etc. Temos, então, a explicação de que todo signo linguístico vem do exterior. "O ponto de

articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos é, portanto, o discurso" (BRANDÃO, 2004, p. 11).

O termo “análise do discurso” aparece pela primeira vez com o linguista Zellig S. Harris (1909-1992) em um artigo de 1952 que designava discurso como “uma unidade linguística constituída de frases; de um texto” (MAINGUENEAU, 2015) e empregava “análise” em sentido etimológico como decomposição. Neste sentido,

[...] Harris se aproximou do estruturalismo literário francês dos anos 1960, que postulava ser necessário começar por uma análise “imaneente” do texto, e depois, fazer corresponder a “estrutura” assim extraída a uma realidade sócio-histórica situada fora do texto. Tal procedimento estava muito longe das problemáticas atuais do discurso, que recusam a própria oposição entre um interior e um exterior dos textos (MAINGUENEAU, 2015, p. 16).

Dessa forma, percebe-se como a referência do autor não dá conta da definição de análise do discurso (AD) atual e como isso fez com que as problemáticas da AD só fossem reconhecidas posteriormente. Nos anos 1960, os estudos apareceram na Inglaterra, Estados Unidos e França, porém foi a partir de 1980 que ela se constituiu como espaço de pesquisa. Por exemplo, “a publicação, em 1986, por T. Van Dijk, de uma obra coletiva (*Handbook of Discourse Analysis*) em quatro volumes, testemunhava essa evolução [...]” (MAINGUENEAU, 2015). De maneira geral, as reflexões feitas em seguida sobre o discurso trouxeram contribuições da linguística e da filosofia.

Hoje, muitos definem o campo de pesquisa como sendo de “linha francesa”. Isso se dá, uma vez que a França foi um dos principais lugares onde a pesquisa e estudo da análise do discurso se deu, inclusive, de acordo com Maingueneau (2015, p. 18), foi lá que a AD “foi definida, sob esse nome, como um empreendimento ao mesmo tempo teórico e metodológico específico”. Além disso, em 1969, Michel Pêcheux publicou o livro “Análise automática do discurso” e Foucault a obra “Arqueologia do saber” sobre a noção de discurso. O linguista Jean Dubois foi responsável pela publicação de número 13 da revista francesa “*Langages*” em que ampliava o conceito de AD entre as relações de língua e sociedade, além de renovar os métodos da filologia (campo de estudo da linguagem em fontes históricas). Na perspectiva de Dubois,

[...] a análise do discurso aparece como uma disciplina, na qual, primeiro, se estudam textos de todos os gêneros (o que rompe com as práticas mais restritivas das faculdades de letras, voltadas para corpora prestigiosos, particularmente os literários); segundo, com o auxílio de ferramentas tomadas de empréstimo à linguística; terceiro, com o objetivo de melhorar nossa compreensão das relações entre os textos e as situações sócio-históricas nas quais eles são produzidos. Essa concepção muito consensual da análise do

discurso vai se difundir amplamente na França (MAINGUENEAU, 2015, p. 18-19).

Após esse período, a análise do discurso francesa contribuiu para que novos pesquisadores e estudiosos surgissem com seus *corpora* diversificados. Podemos citar, principalmente, os estudos dos linguistas Patrick Charaudeau sobre os “Discursos das mídias” (2010), Sophie Moirand sobre as “Formas discursivas da difusão de saberes na mídia” (2000) e Dominique Maingueneau sobre o “Discurso literário” (2006). Todos os trabalhos destes estudiosos contribuíram e contribuem para que novos pesquisadores fizessem novas análises a partir das teorias sobre noção de gênero do discurso e sobre as teorias da enunciação linguística (MAINGUENEAU, 2015).

Esse preâmbulo histórico nos ajuda a perceber que os estudiosos encontraram na linguagem o discurso para ligar as significações do texto às suas condições externas (sócio-históricas). Depois disso, ainda vale ressaltar algumas noções da análise do discurso que nortearão este trabalho.

O discurso é para interação dos sujeitos e não apenas comunicação. Nesse sentido, a noção de sujeito é o que se assujeita a algo superior, nesse caso, assujeita-se à ideologia. De acordo com Lins (2013, p. 4), “a ideologia atua como constitutiva dos indivíduos reais em sujeitos, isto é, a ideologia chama o indivíduo à condição de sujeito”.

Uma característica essencial da análise do discurso é o enunciado (texto, discurso etc.). Ele nunca aparece isolado, mas sempre em conjunto de enunciados. Assim, Brandão (2004) define:

A quarta característica constitutiva do enunciado é aquela que o faz emergir como objeto: refere-se a sua condição material. Para caracterizar essa materialidade, Foucault faz uma distinção entre enunciado e enunciação. Esta se dá toda vez que alguém emite um conjunto de signos; enquanto a enunciação se marca pela singularidade, pois jamais se repete, o enunciado pode ser repetido (BRANDÃO, 2004, p. 29).

Surge, então, a característica do enunciado como objeto por meio da materialização, lembrando que há diferença entre os termos enunciado e enunciação. Os dois se dão quando alguém emite um conjunto de signos (verbal e/ou não verbal), o enunciado pode ser repetido, já a enunciação não pode repetir-se devido a sua singularidade, ou seja, dá-se no momento, no agora.

Por fim, para Maingueneau, o discurso se emprega de duas maneiras:

Como substantivo não contável (“isto deriva do discurso”, “o discurso estrutura nossas crenças”...); como substantivo contável que pode referir acontecimentos de fala (“cada discurso é particular”, “os discursos se inscrevem em contextos”...) ou conjuntos textuais mais ou menos vastos (“os discursos que atravessam uma sociedade”, “os discursos da publicidade”...) (MAINGUENEAU, 2015, p. 23).

Tais maneiras permitem o discurso funcionar como objetos empíricos e como algo que “transcende todo ato de comunicação particular” (2015, p. 23). Com isso, pesquisas empíricas sobre o funcionamento dos discursos quanto às teorias filosóficas se apropriam desta noção.

Podemos dizer até aqui que há uma perspectiva metodológica, pois com a definição de que os processos discursivos e o lugar onde se materializa a produção de sentido (língua) são um só, o discurso começa a ser o espaço no qual aparecem as significações. Então, ele vai se constituir junto com outras condições e formações discursivas novas teorias da análise do discurso. Brandão (2004, p. 42) observa: “se processo discursivo é produção de sentido, discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações”. Esse lugar em que os sentidos se constituem é a formação discursiva, juntamente com a condição de produção e a formação ideológica. Essas três categorias, dentre outras, servem de base para as formulações teóricas da análise do discurso, e as condições de produção será uma das categorias de análise de corpus desta pesquisa.

2.2 Noção de sujeito

Na análise do discurso, devemos propor algumas considerações sobre o sujeito para melhor compreensão do todo na análise dos discursos negacionistas. Primeiramente, a subjetividade na linguagem começa a ser estudada por meio do estudo dos pronomes por Benveniste. Este estudo se torna relevante, pois o sujeito passa a ocupar um espaço privilegiado nos estudos da linguagem. Justamente por ganhar esse espaço e o entendimento que o sujeito pode representar o mundo, Eni Orlandi (2009), estudiosa em análise do discurso, nos apresenta o percurso da concepção de sujeito. Ela distingue em três etapas: a primeira está relacionada com a interação entre o “eu” e o “tu”; a segunda passa a ideia de conflito (noção importante por determinar muitas relações de “tirania” do “tu” sobre o “eu”); a terceira está ligada ao binarismo (concepção de sujeito que só se completa na interação com o outro e que a relação não está no “eu” e nem no “tu”, mas sim no espaço discursivo criado pelos dois).

É relevante pensar no processo de enunciação e entender que ao instituir-se um “eu”, necessariamente institui-se um “tu”. Podemos dizer que nesse processo há a implantação de um alocutário (o “tu”) de forma explícita ou implícita. Nessa relação discursiva, a figura do parceiro

se apresenta de maneira real ou imaginária, individual ou coletiva. Vale pontuar também que alguns teóricos criticam essa noção de sujeito de Benveniste por não trazer o “mascaramento” (por exemplo, quando por incapacidade patológica de assunção de um “eu”, o sujeito enuncia de outro lugar, como a da impessoalidade). Neste sentido, podemos pensar esse sujeito como homogêneo e que se constitui na interação com o alocutário, porém, às vezes, esta definição pode ser restrita.

Em segundo lugar, outra abordagem sobre a noção de sujeito é considerando a história como fundamental, pois a fala do sujeito sempre é marcada num tempo e num espaço e, com isso, surge a definição de sujeito histórico. Também nos é apresentado o sujeito ideológico que é aquele marcado pela fala de outros discursos constituídos historicamente. A partir destas concepções, a noção de sujeito passa a ser aprofundada como um sujeito heterogêneo que “divide o espaço discursivo com o outro” (BRANDÃO, 2004, p. 60).

A complexidade sobre a noção de sujeito vai aumentando quando Bakhtin (1978) reflete que “ao enunciar, o locutor instaura um diálogo com o discurso do receptor na medida em que o concebe não como um mero decodificador, mas como um elemento ativo, atribuindo-lhe, emprestando-lhe a imagem de um contradiscurso” (BRANDÃO, 2004, p. 65). Percebe-se aqui como o sujeito faz parte de um corpo histórico e social na medida em que, além do tempo e do espaço, ele interage com outros discursos para construir sua fala.

Para Brandão, em Authier-Revuz (1982), “o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à língua, que lhe serviria para ‘traduzir’ em palavras um sentido do qual seria a fonte consciente” (2004, p. 67). Na verdade, o discurso é heterogêneo e atravessado pelo inconsciente. Com isso, essa autora articula uma “teoria do descentramento” e, para essa teoria, o sujeito é dividido, cindido, com estrutura complexa com seu outro e se constitui também pelo inconsciente freudiano. Além disso, o sujeito é descentrado, pois esse “eu” perde sua centralidade, mesmo que inconscientemente, e o sujeito é também efeito de linguagem. Isso funciona como se ele fosse “visto com uma representação que depende das formas da linguagem que ele enuncia e que na realidade o enunciam” (BRANDÃO, 2004, p. 69).

Todas essas definições nos fazem, portanto, entender que a noção de sujeito centrada somente no “eu” e no “tu” perdeu espaço nas discussões em análise do discurso, por exemplo, e nenhuma proposta atual de AD centra-se apenas em um ou outro, e, ao mesmo tempo, a noção de dinamicidade ganhou espaço na medida em que entendeu os sujeitos sendo constituídos no espaço discursivo. Percebemos, assim, que, para a incorporação da nossa pesquisa, o discurso é heterogêneo e “assume e incorpora diferentes vozes sociais” na constituição do Sujeito.

2.3 Formação discursiva, lugares do discurso e paratopia

A análise do discurso (AD) já produziu e reviu muitos conceitos até hoje. Nesse sentido, é interessante (re)ver alguns conceitos, como formação ideológica, formação discursiva, discurso paratópico, entre outros, para clareá-los e ao mesmo tempo buscar o “lugar do discurso”, no nosso caso, o “lugar do discurso negacionista”. Os discursos não se organizam da mesma forma e também não se encontram em lugares iguais, por isso é relevante discutir como se dá os sentidos atribuídos à formação ideológica e formação discursiva.

Uma noção apresentada por Althusser (1992), para um melhor entendimento da AD, é o de ideologia.

Sabe-se que a expressão: a ideologia, foi forjada por Cabanis, Destutt de Tracy e pelos seus amigos, que lhe atribuíram por objecto a teoria (genética) das ideias. Quando, 50 anos mais tarde, Marx retoma o termo, dá-lhe, a partir das Obras de Juventude, um sentido totalmente diferente. A ideologia passa então a ser o sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social (ALTHUSSER, 1992, p. 69).

Ele nos mostra que ideologia é uma relação imaginária que os homens mantêm com as suas condições reais de existência. Derivando do domínio do “vivido”, a ideologia solidifica as relações sociais, tornando-as suportáveis para seus diversos atores. De acordo com Althusser (1992), para uma melhor conceituação de ideologia, propõe três teses. Tese 1: A ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. Esta tese trata da ideia de que a ideologia é tanto uma alusão quanto uma ilusão da realidade. Tese 2: A ideologia tem uma existência material. Isso significa que as ideologias não existem no vácuo, porém se materializam na forma de crenças, rituais e aparelhos ideológicos que podem ser reproduzidos mesmo quando deixadas à própria vontade ou livre arbítrio. Tese 3: A ideologia interpela os indivíduos como sujeitos (livres e assujeitados), por exemplo, no capitalismo, os trabalhadores são interpelados como sujeitos de direito e não apenas como coisas.

Essa noção de Althusser (1992) é de base marxista, de luta de classes, e nos ajuda a apreender, na materialidade discursiva, como as estruturas de funcionamento, como a política, sustentam a ideologia de uma classe dominante. Isso nos faz supor que discursos negacionistas podem sustentar, então, a ideologia de uma classe dentro do cenário brasileiro.

A próxima noção, para um melhor entendimento do discurso negacionista, é a formação discursiva, a qual ganhou relevância por Foucault (CANO, 2012, p. 37). Nesse conceito, é

importante salientar que o discurso não possui uma unidade, mas se constitui por meio da “descontinuidade”. Dessa forma,

buscar a formação discursiva seria justamente buscar, em um conjunto de enunciados, essas regras que poderiam mostrar a forma como esses enunciados se ligam, formas que estariam em uma dimensão mais sutil, portanto do discurso, e que atravessariam o sujeito orientando seus falares e a sua inculcação ideológica (CANO, 2012, p.37).

Assim, nota-se que o sujeito pode assumir vários traços ideológicos dentro do mesmo enunciado por meio desta imposição da formação discursiva.

Para Pêcheux, o discurso é “a materialidade ideológica”. Ele acredita também que é no “discurso que se encontra um modo de produção da dominação”. Logo, “seria uma formação ideológica que interpela o sujeito, assujeitando-o, fazendo com que ele ocupe um posicionamento em relação aos grupos sociais e os seus valores” (PÊCHEUX, 2014, p.37).

Na tese de Márcio Cano (2012), percebemos o desdobramento do conceito de ideologia. Para Cano, “a ideologia está no campo das práticas sociais e se articula no nível dos significados do discurso, estabelecendo uma semântica do que se deve dizer e como se devem interpretar as várias manifestações do discurso” (2012, p.40). Dessa forma, a ideologia pode ser cognitiva, social e, também, sociocognitiva: a forma como cada “indivíduo representa a realidade é estabelecida socialmente”, com as suas marcas individuais. Portanto, a ideologia é uma forma de constituição de um posicionamento ao qual se pretende a adesão dos co-enunciadores, ou seja, a ideologia presente no discurso negacionista possui como objetivo a adesão dos seus ouvintes.

Em sua pesquisa, Cano (2012) ainda nos apresenta a noção de discursos tópicos de Maingueneau (2006, 2015), que será relevante para nosso trabalho na avaliação do negacionismo. Discursos tópicos são

aqueles discursos que são legitimados socialmente, mas que não explicam a sociedade e a existência pelos seus próprios recursos, mas que topicalizam as questões humanas e vão buscar explicação pelo acesso a outros discursos que são os considerados paratópicos (CANO, 2012, p. 47).

Esses discursos paratópicos são “aqueles que dão sentido à vida; segundo Maingueneau, os discursos religioso, científico, filosófico e literário” (CANO, 2012, p. 49). Estes discursos que dão sentido à existência humana e social são justificados por si mesmos, pois se encontram “entre o que é social e o que está na dimensão do absoluto” (CANO, 2012, p. 50). Ademais, temos também os discursos atópicos que são aqueles que “existem na marginalidade dos

discursos tópicos e paratópicos, podendo ser apreendidos apenas nesses discursos” (CANO, 2012, p. 53). Esses não são “reconhecidos”, são tolerados ou criminalizados, como é o caso do discurso pornográfico, o discurso racista, o discurso xenofóbico, entre outros. Essas noções são relevantes para a pesquisa, no que diz respeito à análise do corpus, e serão aprofundadas oportunamente.

Por fim, Cano reflete sobre a noção de posicionamento. Ele diz que

É graças a esses posicionamentos que os vários discursos e suas comunidades discursivas se mantêm. É por eles que se produzem, se fazem circular sentidos e que podem ser reconhecidos como de uma comunidade discursiva ou de outra. O posicionamento permite que uma pessoa se agregue e seja reconhecida dentro de um grupo, assim como esse grupo pode gerir os modos de dizer de um indivíduo agregado a ele (CANO, 2012, p. 59).

Essa citação do autor nos mostra como os posicionamentos se constroem e como todos podem compartilhar uma forma de se inserir no mundo, influenciadas ou não por discursos negacionistas.

Logo, como podemos perceber, os conceitos e noções abordados visaram elucidar e introduzir a teoria da análise do discurso, passando pela formação ideológica, formação discursiva, discurso tópico, paratópico e atópico até chegar no posicionamento. Alguns destes conceitos e noções são chaves para um melhor entendimento do discurso negacionista na contemporaneidade. Neste sentido, para uma melhor análise e reflexão, serão problematizados os conceitos de Formação Discursiva (FD) e de Discurso Tópico, Paratópico e Atópico.

2.4 Formação discursiva

Neste momento, é necessário aprofundar a noção de formação discursiva (FD) e, para isso, veremos essa noção em Foucault (2008) e Pêcheux (2014). Para Foucault, formação discursiva é um “sistema de dispersão” que viabiliza a detecção de regularidades enunciativas,

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade” (FOUCAULT, 2008, p. 43)

Percebe-se, então, que a descrição de enunciados de um discurso deverá dar conta de certas especificidades inerentes a dada formação discursiva, porque estes mesmos enunciados estarão numa “organização”, a qual precisará ser demarcada. Em uma de suas hipóteses para a formulação da noção de FD, Foucault diz que “não se poderiam estabelecer grupos de enunciados, determinando-lhes o sistema dos conceitos permanentes e coerentes que aí se encontram em jogo” (FOUCAULT, 2008, p. 39).

Formação discursiva (ou sistema de formação), para este autor, é

[...] um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou tal objeto, para que empregue tal ou tal enunciação, para que utilize tal ou tal conceito, para que organize tal ou tal estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. (FOUCAULT, 2008, p. 82-83).

Percebe-se como a FD deve ser encarada de maneira complexa, pois envolve uma série de fatores/camadas para a análise do que foi dito no discurso. Na FD de Foucault, deve-se caracterizar um discurso por sua regularidade, ou seja, a caracterização de um discurso político, por exemplo, deve-se às linearidades, repetições e reafirmações deste campo. Com isso, passamos agora a discutir a formulação dessa noção por Pêcheux.

Pêcheux considera, ao formular a noção de formação discursiva, a ideologia como constitutiva da linguagem, na busca pela teoria materialista do discurso:

[...] tomamos como ponto de referência a relação explicação/determinação, a fim de estudar a base comum sobre a qual os processos nocionais-ideológicos, por um lado, e os processos conceituais científicos, por outro, se constituem como processos discursivos. Esse ponto lógico-linguístico vai nos conduzir progressivamente – tendo por fio a questão da natureza material do sentido – até os fundamentos de uma teoria materialista do discurso (PÊCHEUX, 2014, p. 84).

Nesse contexto, por ter em vista tanto os processos ideológicos quanto os processos científicos na constituição dos processos discursivos, Pêcheux compreende a formação ideológica na formação social, ou seja, observada a oposição entre explicação e determinação, percebe-se que os mecanismos linguísticos constituem também como “pano de fundo” para uma reflexão filosófica, com isso “pertencem à região de articulação da Linguística com a teoria histórica dos processos ideológicos e científicos, que, por sua vez, é parte da ciência das formações sociais” (PÊCHEUX, 2014, p. 81). Assim, para o filósofo, a ideologia não existe “por se”, mas na materialização das relações sociais, na formação social.

Podemos dizer que a sociedade funciona de maneira diferente em determinados setores e, por isso, a produção de discursos nesses setores também podem produzir nuances, embates e contradições, por exemplo, um discurso político comparado com um discurso literário. Desse modo,

Diremos que as contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que mantêm, necessariamente, entre si os “processos discursivos”, na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classe (PÊCHEUX, 2014, p. 84).

É no discurso que a materialidade da ideologia se faz presente, logo pode-se compreender que o discurso é uma prática ideológica. Nessa lógica, entendemos que a formação ideológica apresenta na sua composição a formação discursiva, pois “as palavras, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que a empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições” (PÊCHEUX, 2014, p. 146-147). Dessa forma, os discursos são administrados pelas formações ideológicas e

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (PÊCHEUX, 2014, p. 147).

Orlandi diz que é desta noção que parte a compreensão para os dois pontos seguintes: ela nos mostra, primeiramente: “O discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro” (ORLANDI, 1999, p. 43). A autora deixa claro, de acordo com os estudos de Pêcheux, que as palavras não possuem sentido por si só, mas se apresentam de acordo com a formação discursiva em que se inscrevem, por isso os sentidos são sempre determinados pela ideologia. Em segundo lugar, “É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes” (ORLANDI, 1999, p. 44). Ao explorar este segundo ponto, Orlandi usa como exemplo a palavra “terra”, que poderá significar diferente para um agricultor, para um índio e/ou para um proprietário rural. Assim, percebemos que estes exemplos dados por Orlandi (1999, p. 45) “podem ser referidos a diferentes formações discursivas”.

Apreendemos, portanto, que a noção de Formação Discursiva (FD) se deu por meio dos estudos de Foucault que propõe a noção de FD numa perspectiva de dispersão, apontando para

uma possibilidade concreta de se encontrar “regularidades” nessa dispersão, e dos estudos de Pêcheux, que acrescenta a ideologia e nos faz perceber que os significados de uma FD são determinados pela sua exterioridade na relação com o interdiscurso.

Essa noção (FD) em análise do discurso nos permitirá compreender o processo de produção de sentidos no discurso negacionista que será analisado no corpus deste trabalho.

2.5 Lugares do discurso

Ponderamos aqui que o discurso é o lugar dos enunciados, dos dizeres, porém, esse lugar não é igual a espaço físico, algo que se pode precisar. Este lugar é complexo e possui sentidos variáveis, pois é formado por sujeitos em interação com posicionamentos diversos. O discurso pode ser analisado pela relação entre os sujeitos e, com isso, esses lugares serão distintos e não demarcados, como reflete Carreira (2015), “Por essa dinâmica, firmar o lugar do dizer é tão complexo quanto demarcar as relações discursivas por não dispor de um território demarcado” (CARREIRA, 2015, p. 160).

Depois de refletirmos sobre a historicidade e sobre a formação discursiva, devemos refletir sobre o lugar do discurso, para mais tarde, tentarmos encontrar o lugar do discurso negacionista. Dessa forma, o lugar do dizer “depende de onde um sujeito discursivo evoca um dizer carregado de representações socioculturais” (CARREIRA, 2015, p. 160).

O lugar do discurso pode coincidir, aparentemente, com espaço físico, no discurso jornalístico, por exemplo, encontramos notícias que podem tratar de fatos atuais/reais. Contudo, o lugar do discurso aqui discutido é o construído no campo do simbólico (não é o lugar onde o fato surge, não é o lugar identificado geograficamente). É nesse campo que surgem os discursos constituintes, os quais apresentam uma noção que “se apoia em uma instituição banal: há, em toda sociedade, tipos de falas de autoridade, reconhecidas como capazes de dar sentido aos atos do conjunto da coletividade (MAINGUENEAU, 2015, p. 140). Um exemplo desse discurso constituinte, discurso considerado último por Maingueneau, é quando um locutor “fala” em nome da ciência, da política, entre outros. Assim, esses discursos constituintes

caracterizam-se em primeiro lugar pela singularidade de sua posição no universo do discurso: eles se situam em uma fronteira, a que lhes permite em nome de um Absoluto que, por sua vez, só pode falar através deles. Zonas de fala entre outras e falas que se pretendem acima de qualquer outra, discursos-limite, situados em um limite e que tratam do limite, tais discursos devem administrar, em sua organização textual e em seus dispositivos de enunciação, os paradoxos que seu estatuto implica: para se autorizarem a si mesmos, devem se apresentar como ligados a uma Fonte legitimadora (MAINGUENEAU, 2015, p. 141).

O discurso científico, como um discurso constituinte, por exemplo, “não poderia existir sem os manuais e todo o sistema de validação e de transmissão dos conhecimentos que eles implicam” (MAINGUENEAU, 2015, p. 144). Com isso, um questionamento nos parece relevante: e o discurso que não está nos “manuais e todo sistema de validação”? Esta pergunta nos leva a outra possibilidade de discussão, pois, se há o universo dos discursos constituintes, também há aqueles discursos que não são considerados constituintes.

Após a noção de discurso constituinte, refletiremos sobre a noção de paratopia e atopia, introduzida por Dominique Maingueneau (2006, 2015), inclusive a aproximação da noção de paratopia com o conceito de discurso constituinte, e pesquisada por Carreira (2015). Essa noção e conceito servirão para analisar o discurso negacionista, pois, diferente do discurso científico, ele não se institui num lugar “aceito” (não pertencente à sociedade), pelo menos até então, porém, de modo paradoxal, ele existe (pertencente à sociedade), e produz efeitos de sentido.

2.6 Paratopia

Para uma melhor reflexão sobre a paratopia, retomamos essa noção da obra de Maingueneau (2006) devido à sua complexidade. Nesse sentido, é preciso ampliar um pouco como este conceito emerge em análise do discurso pelo autor.

O ato de comunicação literária é, na maioria das vezes e na sua estrutura, considerado avesso a sua própria criação e, por isso, para a produção dos enunciados literários é preciso o enunciador apresentar-se como escritor, definir-se tanto na representação quanto nos comportamentos desta condição. Percebe-se aqui como quem faz literatura precisa situar-se no interior de um campo literário para tentar encontrar seu “verdadeiro lugar”, tudo que está no exterior não legitima o produtor desses textos.

Nesse cenário, para entender melhor o lugar do discurso, Maingueneau discute sobre a paratopia. Para ele, a “literatura, como todo discurso constituinte, pode ser comparada a uma rede de lugares na sociedade, mas não pode encerrar-se verdadeiramente em nenhum território” (MAINGUENEAU, 2006, p. 92). Portanto, pertencer a um campo literário é sempre uma negociação entre o “lugar e o não lugar”, por exemplo, um empregado doméstico pode manter uma obra literária, mas não a produzir, a menos que o escritor se afaste da condição do que é esperado dele. Define-se aqui este “lugar/não lugar” como um pertencimento “parasitário” e, com isso, trata-se da paratopia.

Definir o escritor como boêmio e solitário ajuda a compreender um pouco melhor como é este “lugar” do escritor no discurso literário. Para Maingueneau (2006), “boemia

ruidosa proporciona apenas uma visão redutora da condição de escritor, que é sempre um debate entre a integração e a marginalidade” (p.101). O autor explica como ora podemos integrar o boêmio na gestão de suas despesas (estando com dinheiro), o que faz carreira; ora esse boêmio transgride essa gestão (estando sem dinheiro algum), o que é marginal.

Notemos até aqui que os discursos “só podem se inscrever na sociedade de forma paradoxal, em um impossível ‘pertencimento’ que chamamos de paratopia” (MAINGUENEAU, 2015, p. 141). Desse modo, podemos dizer que a paratopia é uma condição para os discursos constituintes.

A paratopia aparece em dois níveis que se complementam. O primeiro é

no nível de cada discurso constituinte: o discurso religioso, filosófico, científico... ao mesmo tempo pertencem e não pertencem à sociedade, na medida em que se trata de discursos que se autorizam a partir de um Absoluto. Seria contraditório com a própria natureza do discurso religioso, por exemplo, dizer que ele pertence ao mundo: uma religião não pode se legitimar apenas por sua função social; ela se comunica com o além (MAINGUENEAU, 2015, p. 141).

O segundo nível da paratopia é

no nível de cada produtor de texto decorrente de um discurso constituinte: para estar à altura da sua enunciação, o locutor deve administrar uma identidade impossível por meio das formas de pertencimento/não pertencimento à sociedade. Para o cristianismo, a existência paratópica de Cristo, ao mesmo tempo homem e Deus, vem atestar que o reino de Deus excede o mundo terreno e que as falas proferidas por Jesus participam, ao mesmo tempo, do mundo humano e do mundo sobre-humano (MAINGUENEAU, 2015, p. 141).

Nesse sentido, percebemos que, de fato, o discurso constituinte está condicionado à paratopia. Desse modo, para ampliarmos a noção de paratopia, a qual servirá de base para a análise de discursos negacionista durante a pandemia de Covid-19, devemos aprofundar a discussão. Assim, Carreira (2015) traz uma discussão teórica a partir dos estudos de Maingueneau sobre Topos discursivo o qual leva em consideração tropismo, atopia, mimotopia e paratopia.

Para a autora, “os tropismos são discursos que guardam certas semelhanças com os discursos constituintes, seja por sua temática ou por seu alcance, mas não podem se autolegitimar” (CARREIRA, 2015, p. 166). Um exemplo, em Maingueneau (2015), são os discursos políticos que, apesar de atingirem a coletividade, só são legitimados pela própria coletividade e não por serem constituintes.

Poderíamos, por exemplo, evocar o caso do discurso político. Suas semelhanças com os discursos constituintes são muito evidentes, e não somente porque os atores políticos mais engajados legitimam sua identidade e sua atividade de uma forma que não deixa de fazer pensar nos discursos constituintes: eles se dão uma “missão”, eles estão a serviço de seus concidadãos, eventualmente da humanidade etc. (MAINGUENEAU, 2015, p. 147).

Além disso, vale citar como este discurso também partilha de propriedades semelhantes, a partir de sua estrutura e de seu funcionamento, com o discurso constituinte:

Competição acirrada entre posicionamentos para deter o monopólio da autoridade enunciativa, referência a textos ou a gestos fundadores, inscrição em uma memória que é objeto de debates e de reavaliações incessantes, tensão entre comunidades de especialistas, de profissionais da política e um público amplo, ao mesmo tempo, o destinatário e a caução do conjunto do discurso (considera-se que o ator político fala em nome do povo) (MAINGUENEAU, 2015, p. 147).

Apesar destas semelhanças, o que difere os discursos políticos dos discursos constituintes é justamente o que diz Maingueneau (2015, p. 147), “o discurso político não pode legitimar-se a si mesmo: ele deve se apoiar nos discursos constituintes para fundamentar sua autoridade”, por exemplo, quando o discurso político se apoia no discurso científico.

A atopia, como vimos anteriormente, “é o não-lugar característico de discursos que, por alguma razão, estão à margem da sociedade, como o discurso pornográfico, por exemplo, numa ambivalência entre a existência e a não existência” (CARREIRA, 2015, p. 166). Com base em Carreira (2015) e em Maingueneau (2015), percebemos que os discursos constituintes/paratópicos estão de um lado e, de outro, os discursos não constituintes. No caso do discurso pornográfico, “ele se caracteriza por uma dupla impossibilidade: é impossível ele não existir, é impossível ele existir” (MAINGUENEAU, 2015, p. 145). O autor nos explica que é “impossível ele não existir” porque não dá para escapar de produções deste tipo, ao mesmo tempo que é “impossível ele existir”, pois a pornografia não pode ter “pleno direito de cidadania”, se pudesse circular livremente não “haveria sociedade possível”.

Essa tensão constitutiva se resolve por um compromisso que mostra bem a ambiguidade do verbo ‘existir’: certamente, a produção pornográfica existe, no sentido de que é maciçamente atestada, mas ela não existe plenamente, no sentido de que é clandestina, nômade, parasita, escondida... (MAINGUENEAU, 2015, p. 145).

Por fim, os discursos atópicos não se aplicam apenas ao discurso pornográfico, mas também a discursos racistas, machistas, xenofóbicos, entre outros. Maingueneau (2015) diz que

como as práticas discursivas se insinuam em espaços sociais, a atopia também aparece na sociedade em palavrões, ritos de feitiçaria, canções maliciosas, entre outras.

A mimotopia é uma noção nova em análise do discurso, que está ligada a mimese/imitação, e Carreira (2015) nos afirma que é necessária uma maior exploração desta categoria. Maingueneau (2010, p. 170 apud CARREIRA, 2015, p. 166) atribui a mimotopia ao discurso publicitário, pois “duplica, em simulacro, o conjunto de todos os outros, simultaneamente localizado e ilocalizável”.

Enfim, “a paratopia expressa o pertencimento e o não-pertencimento, a impossível inclusão em uma ‘topia’” (CARREIRA, 2015, p. 166). Quanto a isso, Maingueneau afirma que

Os discursos paratópicos não só tem “direito de cidadania”, mas ainda dizem o direito da cidade a ser uma cidade. Um Sócrates pode ser levado à morte, Galileu, condenado, os artistas podem ser malditos, mas os discursos que definem a Sabedoria, a Verdade, a Justiça, a Beleza... carregam os valores da sociedade. Em compensação, a produção pornográfica é apenas tolerada (MAINGUENEAU, 2015, p. 146).

Esse não pertencimento à topia pela paratopia e pela atopia “permite construir pontes entre eles” (MAINGUENEAU, 2015, p. 146). Maingueneau ainda faz um paralelo entre literatura e pornografia, afirmando que ambas “se comunicam em profundidade. Uma e outra são discursos que atuam nas fronteiras; certamente, uma é ‘paratópica’ e a outra, ‘atópica’, mas ambas só existem em uma localização paradoxal” (MAINGUENEAU, 2015, p. 146).

Convém classificar os tipos de paratopia que um produtor de discurso é capaz de explorar, como os tipos ligados ao lugar e ao tempo. Assim, a “paratopia espacial é a de todos os exilados: meu lugar não é meu lugar ou onde estou nunca é meu lugar” (MAINGUENEAU, 2006, p. 110) e a “paratopia temporal, por sua vez, funda-se no anacronismo: meu tempo não é meu tempo” (MAINGUENEAU, 2006, p.110). O objetivo de diferenciar os tipos de paratopia é mostrar a clareza, principalmente por receberem a interferência uma das outras, para uma melhor análise do nosso corpus. Nesse sentido, no discurso literário, da obra de Maingueneau, podemos também encontrar outros tipos de discurso paratópico, como atribuir o papel privilegiado das paratopias ligadas à língua (paratopia linguística: “a língua que falo não é minha língua” (MAINGUENEAU, 2006, p.111)) em que um criador investe. Em MAINGUENEAU (2006), também estudamos sobre a paratopia de identidade com, por exemplo, a caracterização familiar (crianças abandonadas, órfãos, entre outros). Essa classificação é muito importante para a literatura, pois acaba por transformar o herói “excluído” da família em “príncipe legítimo”.

Para melhor sistematização destes tipos de paratopia, Carreira (2015), apoiada em Maingueneau (2006), nos apresenta, na sua tese, no quadro 01, a caracterização de cada tipo:

Quadro 01– Tipos de paratopia

Tipos de paratopia	Caracterização
Paratopia de identidade	Aquela que indica afastamento e/ou negação de pertencimento a um grupo. Pode ser de ordem: <ul style="list-style-type: none"> • familiar: desviantes da ordem genealógica, crianças abandonadas, escondidas, etc. • sexuais: do universo das travestis, homossexuais, transexuais, adúlteros etc. • físico: pela raça, doença, deficiência, etc. • moral: do criminoso. • psíquica: do louco. • tolerada: comediantes de outrora, prostitutas, trabalhadores clandestinos. • antagonismos: os salteadores. • Alteridade: o outro/o “exótico”.
Paratopia espacial	Quando o lugar não é o lugar do sujeito do discurso. Por exemplo, na “literatura dos exilados”.
Paratopia temporal	Marcada pelo anacronismo: meu tempo não é meu tempo.
Paratopia linguística	Quando o multilinguismo participa e/ou interfere na criação: minha língua x língua do outro.

Adaptado de Maingueneau (2006), apud CARREIRA, 2015, p. 170

Em Maingueneau (2006), percebemos que paratopia se consolida por meio da criação literária do autor. Ela é a condição e o produto do processo de criação artística do escritor, como afirma o autor:

A paratopia do escritor, na qualidade de condição da enunciação, também é seu produto; é por meio da paratopia que a obra pode vir à existência, mas é também essa paratopia que a obra deve construir em seu próprio desenvolvimento. Na qualidade de enunciação profundamente ameaçada, a literatura não pode dissociar seus conteúdos da legitimação do gesto que os propõe; a obra só pode configurar um mundo se este for dilacerado pela remissão ao espaço que torna possível sua própria enunciação. (MAINGUENEAU, 2006, p. 119)

Nessa concepção, então, é a paratopia que subordina a existência de uma pessoa à própria criação e o escritor não consegue fugir de um lugar indefinido, conseqüentemente não consegue se separar da sua condição na produção de discursos.

Considerando os aspectos abordados, ressalta-se que a noção de paratopia é relativamente nova: “É na década de 1990 que Maingueneau formula a noção de paratopia” (BAPTISTA; VASCONCELLOS, 2020, p. 269) e “cerca de uma década depois, relaciona a paratopia aos discursos constituintes” (BAPTISTA; VASCONCELLOS, 2020, p. 270), por isso, por ser uma noção relativamente nova, é que devemos explorá-la mais. Nesse sentido, esta noção nos ajudará a compreender as estratégias do discurso negacionista na contemporaneidade.

Após as reflexões sobre a noção de paratopia, essa categoria de análise será investigada no discurso negacionista do corpus deste trabalho. Dessa forma, pretendemos uma melhor caracterização do enunciador, do lugar do discurso, observando as especificidades do negacionismo.

3 CONDIÇÃO DE PRODUÇÃO E DISCURSO NEGACIONISTA

Neste terceiro capítulo, pretendemos refletir sobre condições de produção, pautado no trabalho de Courtine (2014) e Maingueneau (2010) e abordar sobre a historicidade do discurso negacionista, apresentado/definido por Jesus (2006) e Fancelli (2021).

Para adentrarmos na discussão sobre as condições de produção, faremos uma breve apresentação sobre o que se entende sobre condição de produção. Jean-Jacques Courtine é um dos principais críticos e teóricos da análise do discurso na contemporaneidade e, neste capítulo, trataremos, então, a noção de condição de produção (CP) do discurso que é trazida por ele, confirmando sua contribuição para o trabalho. É importante ressaltar que essa noção trazida por Courtine tem suas dificuldades, inclusive abordadas por outros teóricos da análise do discurso (AD), como Pêcheux, Maingueneau, entre outros. Dificuldades essas encontradas “tanto por seu lugar no sistema conceitual da AD, quanto pela heterogeneidade, muitas vezes contraditória, das definições de seu conteúdo” (2014, p.45). Apesar destas dificuldades, a noção de condição de produção do discurso teorizada por Courtine nos ajuda na compreensão/reflexão desta categoria da análise do discurso.

A origem da noção de CP do discurso se dá, primeiramente, pela análise de conteúdo na psicologia social e, em segundo lugar, pela sociolinguística, mesmo de maneira indireta. Uma terceira noção/origem se dá de forma implícita pelo termo “situação” ligado ao termo “discurso”

quando se trata de considerar somente as frases de um único discurso contínuo, ou seja, aquelas que foram pronunciadas ou escritas uma após as outras, por uma ou várias pessoas, em uma única “situação”, ou ainda quando se trata de determinar a correlação entre as características individuais de um enunciado e “as particularidades de personalidade que provém da experiência do indivíduo em situações interpessoais condicionadas socialmente” (COURTINE, 2014, p. 47).

Enfim, percebemos que a noção de produção do discurso encarna disciplinas psicológicas, linguísticas e sociais. Com isso, Courtine teoriza que o sentido de um texto e suas CP dependem do “falante” e do “contexto situacional”, além de ter relação com a psicologia e a sociologia. Ainda nas palavras do autor, “tudo isso parece caracterizar, quanto à noção do CP do discurso, um estado de partida cujas transformações se trata, agora, de apreciar” (COURTINE, 2014, p. 48).

Outra noção explorada por Courtine é a de definição empírica geral baseada nos trabalhos de Pêcheux. Os trabalhos desse autor definem como “lugares determinados na

estrutura de uma formação social, lugares cujos feixes de traços objetivos a sociologia pode descrever” (COURTINE, 2014, p.49). As relações envolvendo esses “lugares determinados” são representados no discurso por uma série de “formações imaginárias” que marcam o lugar que os sujeitos remetem a si e aos outros. Com isso, propiciam interpretações “nas quais o elemento imaginário domina ou apaga as determinações objetivas que caracterizam um processo discursivo” (COURTINE, 2014, p. 49). Courtine diz que essas interpretações só são possíveis, porque existe ambiguidade na própria noção de CP do discurso. Como diz Cortine:

por um lado, o recurso ao esquema da comunicação de Jakobson permite compreender as condições (históricas) da produção de um discurso, como as circunstâncias da produção (no sentido psicolinguístico do termo) de uma mensagem por um sujeito falante; por outro, essas formulações não são decorrentes da distribuição das tarefas espontaneamente operada em AD, pela qual as CP recebem sua caracterização da psicologia ou da sociologia (COURTINE, 2014, p. 50).

Jean-Jacque Courtine tenta mostrar que a noção de CP do discurso apresenta um “conteúdo ao mesmo tempo empírico e heterogêneo” (2014, p. 51) Além disso, diz que este conteúdo é “instável”. Então, percebe-se que essas questões perpassam toda a problemática envolvendo a noção de condição de produção do discurso.

Como foi dito, as condições de produção marcam os discursos num tempo e num lugar específicos. Como o próprio Pêcheux teorizou,

Podemos, de agora em diante, dar mais um passo no estudo das condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção dizendo que essas condições contraditórias são constituídas, em um momento histórico dado, e para uma formação social dada, pelo conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado que essa formação social comporta (PÊCHEUX, 2014, p. 131).

Percebemos, assim, como o discurso é heterogêneo e as condições de produção são determinantes para a reprodução das relações de produção do discurso e da transformação deste. Dessa forma, é um campo rico de estudo para entender a sociedade atual, tanto que Maingueneau (2010) nos apresenta a historicidade do sermão como gênero discursivo, comparando os documentos antigos com os atuais: “Partindo do postulado de que os gêneros discursivos são realidades radicalmente históricas, compararemos dois sermões separados por três séculos – um de 1702, outro de 2008 -, ambos tratando da mesma temática [...]” (MAINGUENEAU, 2010, p. 102).

Maingueneau (2010) aponta algumas causas do desinteresse de analistas do discurso em estudar o discurso religioso. No seu trabalho, o autor propõe uma comparação de dois sermões:

um proferido em Paris, em 1702 e outro, em Arcachon, em 2008, transmitido pela televisão. Maingueneau explica as dificuldades dessa proposta, uma vez que “não obedecem nem à mesma temporalidade nem à mesma economia” (MAINGUENEAU, 2010, p. 126). Ademais, o gênero apresentado por ele “deriva do funcionamento da instituição eclesiástica e das condições da comunicação social em um momento determinado, enquanto o trabalho de posicionamento dos discursos deriva de uma lógica do campo discursivo” (MAINGUENEAU, 2010, p. 126). Assim, Maingueneau conclui sobre a comparação dos gêneros analisados:

De fato, as duas abordagens se cruzam: o dispositivo de comunicação restringe o dizível (temas e modalidades do dizer), enquanto o enunciado deve legitimar seu próprio quadro por meio de suas elaborações. Falando da Virgem Maria, como de qualquer outro tema da doutrina católica, o pregador, por meio da cena de enunciação que constrói, perfila-a de forma a torná-la apropriada ao conjunto das condições ideológicas e institucionais que tornam sua pregação possível. Trata-se de um procedimento característico da análise do discurso, que, por natureza, se recusa a dissociar o estudo dos elementos doutrinários dos “contextos” de fala. Trata-se de um desafio a ser considerado a cada trabalho (MAINGUENEAU, 2010, p. 126).

Enfim, o trabalho de Courtine nos permite entender que o discurso é o lugar em que a língua se desloca, é também na língua o lugar em que o discurso toma “forma”, sem se prender à rigidez ou à mobilidade que os sentidos evocam. Com isso, para melhor refletir sobre essa noção de CP do discurso, procederemos a investigação em um corpus constituído por meio de discursos produzidos pelo ex-Presidente da República, Jair Bolsonaro, no que se refere ao tema da COVID-19 em 2020, que se enquadre na noção de discurso negacionista presente em nosso percurso teórico.

3.1 Discurso negacionista

As teses sobre o terraplanismo, sobre a antivacinação e outros eventos históricos ganham cada vez mais adeptos. Casos como esses e como o do nazismo em que se pretende negar o planejamento das mortes dos judeus durante a segunda guerra mundial são exemplos do movimento negacionista.

Nesse sentido, percebemos que o negacionismo já existia antes e em vários lugares e, com isso, não é de se estranhar que as pesquisas sobre o discurso negacionista estejam em pleno desenvolvimento devido aos discursos proferidos pelos governantes brasileiros e divulgados pelas mídias e redes sociais durante a pandemia do novo Coronavírus. Nesse contexto, o debate em torno do negacionismo nos ajuda a entender melhor a complexidade que atravessa o presente.

Esta parte do trabalho pretende focalizar nos estudos, principalmente, de Carlos Gustavo de Nóbrega de Jesus (2006) para melhor entendermos o discurso negacionista num percurso histórico e podermos compará-lo na contemporaneidade. No seu livro sobre o negacionismo, o autor diz que, durante os anos de 1987 a 2003, havia uma editora de livros no Brasil chamada “Revisão Editora” fundada por Siegfried Ellwanger, o qual possuía ascendência alemã. Além de fundador, ele também escrevia, porém com o pseudônimo de S. E. Castan. O primeiro livro publicado por Castan foi “Holocausto – Judeu ou Alemão?: nos bastidores da mentira do século” pela editora Palloti e, logo em seguida, fundou a própria editora (a Revisão) para poder fazer as suas publicações de ordem intolerante, nacionalista e negacionista.

O país passava por um clima pós-ditadura e foi justamente neste momento que Castan aproveitou para disseminar suas ideias:

Esse clima pós-ditadura, marcado pelo trauma da repressão e pela reprovação de tudo que pudesse limitar a liberdade de expressão, certamente contribuiu para que Castan pudesse se apoiar no discurso de irrestrita liberdade de expressão para disseminar suas ideias totalitárias (JESUS, 2006, p. 23).

Assim, entende-se que não era difícil esse autor, com seu discurso pseudodemocrático, conseguir dialogar com esta sociedade e encontrar adeptos para suas teorias. Por exemplo, ele conseguiu estabelecer um diálogo com outros movimentos, como “a República do Pampa e o Sul é o Meu País; em Minas Gerais, Movimento Nova Inconfidência; em São Paulo, formou-se o Partido Nacional Socialista Brasileiro (PNSB)” (JESUS, 2006, p. 27), entre outros.

As ideias de Castan baseavam-se na integração territorial, em ideias de cunho cultural e racial. Dessa forma, a xenofobia, intolerância para quem vem de outros países, para a Revisão Editora era diversa, pois, na visão de Castan (2006, p. 28), “os problemas com os estrangeiros não estão simplesmente no fato de serem “invasores” que professam outra cultura em busca de emprego, mas, sim, porque, inevitavelmente, em sua maioria, estão ligados à organização judaica mundial”. Portanto, é a partir desta visão xenófoba que, no Brasil, percebemos o surgimento dos movimentos nacionalistas e, com todo este contexto, dos fascistas.

Esses movimentos são reflexos de uma questão mundial, pois, com a falta de emprego na Europa (1980), os trabalhadores vindos de outros países, como África e Ásia, “começaram a ser vistos como invasores por boa parte da população europeia” (JESUS, 2006, p. 29). Dessa forma, a xenofobia se tornou crescente e fez surgir movimentos étnicos e nacionalistas.

O fim do século XX foi um período de grandes mudanças e esses movimentos nacionalistas se apropriavam justamente do princípio de que “cada época fabrica mentalmente a sua representação do passado histórico” (LE GOFF, 1992, p. 26, apud JESUS, 2006, p. 32).

É justamente este pensamento que fez a Revisão Editora justificar sua versão da Segunda Guerra Mundial, buscando um revisionismo histórico.

A negação do Holocausto defendida por Castan, além de corresponder à apropriação e distorção de uma discussão historiográfica, é o melhor reflexo do momento em que foi fundada, os anos 80 e 90, marcados pela valorização do passado e pela aceleração da história, que levou “as massas dos países industrializados a ligarem-se nostálgicamente às suas raízes” (LE GOFF, 1992, p. 220, apud JESUS, 2006, p.32)

Nesse contexto, esse revisionismo histórico, então, ficou conhecido por, de forma sistemática, negacionismo, que foge do simples ato de negar o passado. Ele é um “movimento que consiste em negar a morte sistemática dos judeus nos campos de concentração, na tentativa de redimir os crimes de guerra nazista” (JESUS, 2006, p. 34).

É difícil precisar quando o negacionismo surgiu, porém as pesquisas de Jesus (2006) nos mostram que as principais teses e produções negacionistas vieram dos Estados Unidos e da Alemanha e conseguiram adeptos no restante do mundo, como a França, o Brasil, entre outros. Além disso, confirma que o movimento estava ligado politicamente à extrema-direita.

Nos Estados Unidos, o movimento é responsável por uma entidade, o Institute for Historical Review, com sede em Newport Beach (Califórnia). O instituto tem forte ligação com o Liberty Lobby, uma das mais antigas associações xenófobas e fascistas do país, que dispõe de forte esquema propagandístico (JESUS, 2006, p. 35).

Na Alemanha, os negacionistas também se filiaram “a um determinado meio: uma extrema direita herdeira do nazismo” (JESUS, 2006) que excluía, por exemplo, da sua literatura termos como “extermínio de judeus” e relativizavam os crimes nazistas. É justamente na Alemanha que o pensamento negacionista apresentou uma vasta produção, porém foi “somente a partir de 1985 que o negacionismo começou a chamar atenção da mídia e dos meios acadêmicos alemães” (JESUS, 2006). Isso aconteceu quando,

Em virtude das comemorações dos quarenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial, o então presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, em 8 de maio de 1985, na cidade de Bitburg, Alemanha Ocidental, fez um discurso lamentando as mortes de soldados alemães e participou do culto às vítimas da guerra em um cemitério destinado aos combatentes dos dois conflitos mundiais. O acontecimento foi distorcido pelos negacionistas e pela extrema-direita alemã, com o intuito de legitimar os crimes de guerra e colocar todos, incluindo oficiais da SS, como mártires (JESUS, 2006, p. 36).

Esse fato, dentre outros, fez o negacionismo alemão ganhar espaço dentro e fora da extrema-direita. Ademais, isso também fez ele ser difundido para a França e sustentado por

intelectuais e editoras, como a La Vieille Taupe [A Velha Topeira] para a divulgação de teses negacionistas.

Vale lembrar que o objetivo do negacionismo é negar algum evento histórico ou alguma descoberta científica a partir de determinados valores ou crenças pessoais. De acordo com Fancelli,

Outra forma de definir o negacionismo é pela “recusa em acreditar em teorias científicas bem fundamentadas, mesmo quando as evidências são irrefutáveis”. [...] o negacionismo não é apenas uma forma de enganar a ciência, mas também uma ferramenta política que, nas mãos de populistas, torna-se uma arma para estabelecer domínio, ou, em outras palavras, para a permanência no poder (FANCELLI, 2021, p. 44).

Nesse sentido, percebemos, então, que negacionistas apresentam supostos fatos no intuito de criar o efeito de algo plausível. Isso explica, por exemplo, uma publicação, em 1970, da La Vieille Taupe, intitulada Auschwitz ou o grande álibi, que afirmava “que os judeus foram exterminados de acordo com ideias capitalistas do terceiro Reich. O anti-semitismo de Hitler era substituído pelo interesse econômico produtivo da Alemanha nazista” (JESUS, 2006, 38). Essas concepções apontavam, pois, na afirmação de que os campos de concentração eram campos de exploração econômicos.

Outra estratégia negacionista nesta época estava na maneira como a explicação dos fatos apareciam nos documentos referentes aos campos de concentração, as palavras/expressões empregadas eram cuidadosamente pensadas. De acordo com Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus (2006, p.39), “expressões como ‘tratamento especial’, presente no discurso de Himmler, ou ‘ações especiais’, anotado no diário do médico de Auschuwitz, Johann Paul Kramer” eram frequentes. Desse modo, esses discursos nos mostram que o negacionismo também aparece por meio de estratégias linguísticas, como uma “linguagem disfarçada”.

Essas estratégias acabam sendo compartilhadas por alguns autores da época, por exemplo, Paul Rassinier, o qual foi bem radical no movimento negacionista. Sobre ele e alguns autores desta época, pode-se dizer que “no decorrer dos anos, foi se comprometendo com premissas que forneciam subsídios à negação do extermínio judeu e, no limite, questionariam o próprio genocídio” (JESUS, 2006, p. 40). A partir de então, Rassinier passou a publicar teses antisemitas filiadas à extrema direita e, no final dos anos de 1970, suas teses passaram a ser sistematizadas pelo professor de literatura Robert Faurisson que, numa entrevista ao jornal “L’ Express”, “firmou que as câmaras de gás não teriam existido”.

Quando se fala em negacionismo, Faurisson tem um papel importante, pois foi por meio de suas premissas que as ideias negacionistas se disseminaram por outros países. Segundo Jesus

(2006, p. 42), países como Austrália, Argentina, Canadá e Brasil aceitaram suas teorias com facilidade, porque ele foi o primeiro a articular e combinar teses revisionistas, antissemitas e nacionalistas, o que fazia aparentar com o discurso científico.

É com todo este avanço que, a partir dos anos de 1980, Faurisson passou a ser o nome do “revisionismo negacionista francês”, o qual percorreu o mundo. Suas teses tratavam da “humanização de Hitler (e de seu regime) e na satanização dos judeus” (JESUS, 2006, p. 45). Tudo isso se fez presente em muitos livros durante os anos que se seguiram.

Nesse viés, é necessário também apontar os principais argumentos os quais o revisionismo negacionista foi pautado para melhor compreender o fenômeno:

1 – Não houve o genocídio e as câmaras de gás não existiram. O Zyklon B era usado especificamente para desinfecção dos presos enfermos. 2 – A “solução final” não foi a tentativa de exterminar os judeus, mas sim de expulsá-los para o Leste Europeu. 3 – As mortes dos judeus foram naturais, ou ocasionadas por tifo, ou bombardeio aliado. O número de mortos, na opinião da maioria dos negacionistas, não passaria de duzentos mil. 4 – Alemanha não é responsável pela Segunda Guerra. O país e os oficiais nazistas são, como o povo alemão, vítimas de uma guerra criada pelos judeus. 5 – O genocídio é uma propaganda judia e dos países vencedores da guerra. (JESUS, 2006, p. 45-46)

Além desses argumentos, para melhor legitimá-los, “os negacionistas se apropriaram de certas práticas teóricas-metodológicas que dizem respeito à história, linguística e filosofia” (JESUS, 2006, p. 46). Essa apropriação se deu principalmente no “relativismo histórico” e no questionamento das fontes. O problema da “verdade” do conhecimento histórico apresentou-se como um ponto chave para esses negacionistas do Holocausto que, conseqüentemente, tomaram a ideia de “verdade” em si.

Nesse ponto, vale ressaltar algumas colocações sobre a “verdade”, visto que foi a ênfase dada pelos negacionistas no momento da manipulação dos fatos e documentos. Alguns autores já nos apresentaram estudos sobre a verdade, por exemplo, Foucault em “A Coragem da Verdade”; William George Jordan em “O Poder da Verdade”; Eugênio Bucci em “Existe Democracia Sem Verdade Factual?”; entre outros. Este último nos diz que a verdade factual e as ações políticas são totalmente diferentes. Eugênio Bucci (2019) trata essa questão como uma “desvinculação categórica”. Para ele, “uma coisa é a esfera abrangida pela política; outra, bem distinta, é aquela em que os fatos são apurados, investigados, narrados, historiados” (2019, p. 24). O autor nos ajuda a entender que, na política, o que é chamado de “fato”, pode não ser, justamente por lidar com expectativa e interesses. Bucci ainda esclarece que

Aqueles que pretendem trabalhar com a busca da verdade factual devem situar-se fora do domínio político. Fica evidente, também, que confiar à política o papel de estabelecer a verdade dos fatos é flertar com o autoritarismo, ou mesmo com o totalitarismo (BUCCI, 2019, p. 24).

É exatamente essas ideias que nos fazem entender que a “verdade” pode trazer “discursos ideológicos e tendenciosos” e, neste lugar, os negacionistas acabam por encontrar um campo fértil. De acordo com Jesus (2006, p. 47), “Ao se apropriarem, de forma simplista, da ideia de que não há parâmetro para a verdade histórica, os negacionistas reivindicam um lugar no seu discurso ou para sua verdade”. Assim, percebe-se que a “verdade” é manipulada como uma estratégia do negacionismo.

No Brasil, podemos destacar, a partir do trabalho de Jesus (2006), alguns intelectuais como negacionistas, por exemplo, o historiador Edgar De Decca foi adepto desse revisionismo histórico. Ele alerta sobre o crescimento do movimento e o aponta como positivo. Encontramos também a historiadora Deborah Lipstadt, que destaca sobre a importância de se discutir a negação do Holocausto. Para ela, esses negacionistas “criam correntes de opinião poderosa, em termos históricos” (JESUS, 2006, p. 49). Enfim, é interessante perceber como autores colaboraram para o crescimento de ideias negacionistas sobre o Holocausto no Brasil.

Fica evidente, portanto, como Castan e outros autores estavam comprometidos com o negacionismo. As estratégias são diversas, mas um dos argumentos deste movimento foi: “tentar provar que o genocídio não aconteceu, e que o Holocausto foi forjado pelos vencedores da guerra para atender a interesses políticos e econômicos (JESUS, 2006, p. 58). Outras estratégias foram percebidas por Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus (2006) sobre o negacionismo, como: linguagem disfarçada, agressiva e intolerante, além de aparência científica nas afirmações sobre o revisionismo histórico, com isso a linguagem também tentava ficar mais próxima da acadêmica. Os argumentos dos negacionistas e as estratégias utilizadas não se sustentaram, a partir da análise de Jesus (2006). Para ele, o comprometimento dos negacionistas era com a política e tinha um viés ideológico, a preocupação não era com a “verdade” histórica.

O propósito do nosso trabalho é, nesse contexto, apresentar, no âmbito dos estudos discursivos, uma reflexão a respeito do negacionismo e, mais especificamente, neste momento, do discurso negacionista durante a pandemia por uma autoridade do governo. Analisamos as crenças conservadoras que parecem ser dominantes nos discursos em pauta e relacioná-las/compará-las ao discurso negacionista do Holocausto. Essa articulação tomará como *corpus* os discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro, responsável pela disseminação de discursos

contrários ao que pregava a comunidade científica, muitas vezes ligados às estratégias ditas por Jesus (2006), à pandemia de Covid-19 durante o ano de 2020.

Cada vez mais, fica claro que, segundo Fancelli (2021, p. 76), “Negar a gravidade de uma pandemia e depois defender medicamentos que não tiveram sua eficácia comprovada cientificamente são maneiras de negar a realidade”. Pretende-se, desse modo, colaborar com uma melhor compreensão da estrutura e do funcionamento do discurso negacionista, uma vez que se trata de um discurso de grande propagação também na nossa contemporaneidade.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 Metodologia e análise do trabalho

O nosso trabalho se filia aos pressupostos da Análise do Discurso de Linha Francesa e “se constitui no espaço em que a Linguística tem a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais. [...] E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 2005, p. 25). Nesse viés, todo o caminho teórico percorrido até aqui, permite-nos dizer que a Análise do Discurso (AD) se configura como um espaço metodológico do fazer científico e esse espaço se caracteriza pela necessidade da aplicação da teoria pesquisada.

Vale ressaltar que os analistas do discurso estudam *corpora* com auxílio de várias ferramentas metodológicas e podem ser distribuídas com objetivos diferentes. Esses analistas podem também abordar a AD ora como arcabouço teórico, ora como metodologia de pesquisa. Maingueneau define essa questão, dizendo que existem dois tipos de analistas. Para o primeiro,

a análise do discurso é somente uma caixa de ferramentas no vasto conjunto dos “métodos qualitativos” das ciências humanas e sociais. Esses pesquisadores trabalham no interior de quadros definidos para a disciplina à qual pertencem: sociologia, história, ciências políticas, geografia... Eles aprendem o discurso como o que lhes oferece indícios que franqueiam ao pesquisador o acesso a “realidades” fora da linguagem. Tal procedimento tende a atenuar a fronteira entre as abordagens propriamente discursivas e outros métodos qualitativos, especialmente as técnicas de “análise de conteúdo”, que extraem sentido dos documentos criando categorias ligadas a seu conteúdo de sua produção (a data ou o lugar de produção, o sexo dos produtores etc.) (MAINGUENEAU, 2015, p. 32-33).

O segundo grupo é assim definido pelo autor:

os analistas do discurso que se pode dizer que são “canônicos”, os que se interessam pela maneira pela qual, em uma sociedade determinada, a ordem social se constrói por meio da comunicação. Eles se esforçam para manter um equilíbrio entre a reflexão sobre o funcionamento do discurso e a compreensão de fenômenos de ordem sócio-histórica ou psicológica. A maioria desses pesquisadores se ancora fortemente nas ciências da linguagem. Sua pesquisa pode visar esclarecer uma questão estritamente discursiva (sobre a definição ou a tipologia dos gêneros de discurso, a pertinência de tais métodos etc.), mas pode também ter como propósito responder a problemas sociais (em particular de ordem educacional, política, sanitária) ou de questionar outros campos do saber [...] (MAINGUENEAU, 2015, p. 33).

Podemos dizer que é nesse segundo grupo que nossa pesquisa se filia e possui como objetivo geral: analisar como se constitui o discurso negacionista por meio de condições de produção (historicidade) e de lugares do discurso (paratopia). Ademais, como visto na

introdução desta dissertação, nossos objetivos específicos são: I) identificar as concepções sociais e históricas do negacionismo; II) verificar as estratégias do discurso negacionista do sujeito que emerge dos recortes analisados; e III) discutir e categorizar os discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro em questão como negacionista. Esses objetivos se ligam ao nosso problema de pesquisa que considera o discurso negacionista como um lugar de “sombra”, mas que tenta tomar o lugar de ciência, ou seja, o discurso negacionista tenta se infiltrar/forjar num discurso paratópico (de acordo com a noção de paratopia, é o discurso que visa dar sentido à vida, como é o caso do discurso científico).

Para isso, primeiramente, relacionaremos as condições de produção com os recortes analisados para, depois, dentro desses recortes, passarmos para uma análise da paratopia e como esse dizer paratópico constitui uma “sombra” do discurso científico. A partir destes dados, faremos uma reflexão para entender como é o funcionamento do discurso negacionista.

A fim de fazer a análise, amparamo-nos na noção de formação discursiva (FD) por Pêcheux (2014) e Foucault (2008); e de lugares do discurso e paratopia por Maingueneau (2006, 2010, 2015). Além disso, pautamo-nos na noção de condição de produção (CP) dos discursos de Courtine (2014) e Maingueneau (2010, 2015); das CP sócio-históricas do discurso negacionista, problematizados no trabalho de Jesus (2006) e Fancelli (2021). Desse modo, por intermédio de toda a teoria abordada, tencionaremos aplicar ao *corpus* para atender aos objetivos descritos.

Nosso problema de pesquisa nos fez trabalhar com um *corpus* constituído no campo político e, desse modo, dedicamo-nos às condições de produção e ao espaço do discurso negacionista. Ademais, procuramos um *corpus* amplo por entendermos que isso nos ajudaria a apreender melhor as categorias do discurso analisado. Por isso, amparados em Maingueneau (2008, p.16), os discursos são definidos “como integralmente linguísticos e integralmente históricos”, ou seja, nosso *corpus* foi escolhido pensando nesta dupla restrição: a do que é dito na língua e o que é dito num dado tempo-espaço histórico. Essa definição contribui nos estudos/pesquisas dos critérios os quais delimitam o discurso.

O nosso *corpus* se constituiu de um pronunciamento publicado pelo site UOL. Esse discurso¹ é do ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro, sobre a pandemia da Covid-19, proferido em televisão aberta para todo o Brasil. Sendo este o presidente do Brasil na época, num período de grande preocupação por causa da pandemia, justifica-se a escolha deste

¹Disponível em UOL Notícias. ‘Gripezinha’: leia na íntegra o pronunciamento de Bolsonaro sobre Covid-19. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>>. Acesso em 26 ago. de 2022.

discurso pela visibilidade e por ser emblemático num momento em que se busca o “consenso” científico. O discurso de Bolsonaro é atravessado por estratégias que podem se constituir como negacionista e, por isso, foi escolhido para análise do trabalho.

Demonstraremos, por meio do *corpus* constituído, como o discurso negacionista se comporta, utilizando de categorias, como condição de produção e paratopia. Além disso, a escolha dos materiais de análise reflete a necessidade de atender aos estudos de Courtine (2014) sobre um *corpus* político e seus efeitos, mesmo este já ter sido muito analisado pela AD:

Anteriormente havíamos salientado, no campo da AD, a presença de um efeito maciço: a maioria dos corpora analisados desde a fundação desta disciplina são corpora de discurso político [...]. O corpus de nossa pesquisa não escapa à regra do gênero: por isso, parece-nos melhor, mesmo que seja somente a nossos olhos, tentar explicar o caráter maciço desse efeito. Encontram-se, em diversos trabalhos da AD política, razões que são propostas nesse sentido (COURTINE, 2014, p. 124).

Nossa análise também visa atender às pesquisas de Maingueneau (2008), em sua *Gênese dos discursos*, sobre a formação discursiva. Dessa maneira,

Uma palavra, uma expressão ou uma proposição não têm um sentido que lhes seria próprio, como se estivesse preso a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva (MAIGUENEAU, 2008, p. 86).

Como os estudos de Maingueneau (2008) também explicitam a relevância da análise do discurso e um primado do interdiscurso, refletindo sobre como restrições (universo discurso, campo discursivo e espaço discursivo) devem resultar apenas de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico, que serão em seguida confirmados ou infirmados quando a pesquisa progredir. Acreditamos que analisar discursos num campo discursivo pode nos ajudar, no decorrer do trabalho, a entender como o discurso negacionista emerge em discursos sobre/na pandemia por uma autoridade política. Desse modo, delimitaremos um material representativo para constituir o nosso *corpus* e, com isso, analisar o discurso a partir de um panorama amplo dos fatos pertencentes a essa formação discursiva.

4.2 Contextualização e *corpus* no campo discursivo político

No fim de 2019, precisamente em 31 de dezembro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu um alerta sobre os casos de pneumonia advindos da cidade de Wuhan, China. Este alerta dizia se tratar de um novo tipo de coronavírus, o qual ainda não havia sido identificada em humanos. Já em janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram esse

novo coronavírus, responsável por causar a doença conhecida como Covid-19, e disseram já ter sido espalhado (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE E ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2020). Os coronavírus normalmente são responsáveis por síndromes respiratórias agudas em seres humanos, podendo levá-los à morte, de acordo com a organização Pan-Americana de Saúde e da organização mundial de saúde (OPAS/OMS)².

Já em meados de março de 2020, o diretor da OMS, Tedros Adhanom, elevou o estágio de contaminação pelo novo coronavírus (COVID-19) para pandemia. O anúncio foi feito por haver mais de 115 países com casos confirmados pelo vírus, de acordo com o site Agência Brasil³. Com isso, o mundo se mobilizou frente aos problemas e houve fechamento de aeroportos, os hospitais ficaram superlotados, houve falta de insumos, de oxigênio, etc. No Brasil, não foi diferente e registrava-se a primeira morte pela Covid-19. Por isso, o Ministério da Saúde recomendou também o cancelamento ou adiamento de grandes eventos com aglomerações que pudessem gerar mais contaminações em razão da pandemia. Isso aconteceu também em outros lugares do mundo, como exemplo, o adiamento da Olimpíada de Tóquio de 2020 para 2021⁴. Na área da educação, o Ministério da Educação autorizou a substituição das aulas presenciais pela modalidade do ensino a distância (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Podemos perceber que a pandemia de Covid-19 mobilizou o mundo todo e gerou discussões sobre as medidas de proteção e contenção do coronavírus. A OMS, alinhada com o consenso científico, por exemplo, recomendou algumas precauções para a população se proteger, como usar máscara, distanciamento entre as pessoas, evitar aglomerações, lavar as mãos, entre outros⁵. Por causa disso, o Governo Federal intensificou seus cuidados e aumentou o número de medidas para combater o novo coronavírus. Essas medidas foram adotadas logo no início de 2020 e, enquanto o vírus se espalhava pelo mundo, as secretarias de saúde dos estados, por meio do SUS (Sistema Único de Saúde), ampliaram suas ações. Podemos citar, como exemplo, intervenções na área de recursos humanos com a contratação de mais profissionais da saúde, como médicos e enfermeiros, aumento na infraestrutura com a criação de mais leitos de UTI para pacientes infectados e uma nova organização tanto na prestação de serviços quanto nos protocolos de saúde, além de haver ainda a regulamentação da

²Publicação disponível em <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 06 set de 2022.

³ Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-12/retrospectiva2020-marco>>. Acesso em: 06 set. de 2022.

⁴Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/24/primeiro-ministro-do-japao-pede-para-adiar-olimpiadas-por-um-ano.ghtml>>. Acesso em: 06 set. de 2022.

⁵Disponível em: <https://www.who.int/pt/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gclid=Cj0KCQjwguGYBhDRARIsAHgRm4_EsP7Jwxt43bvCLSR0l4eZYvlu-YccCmG-sw4tsm0YzeNeLViszYcaAlNjEALw_wcB>. Acesso em 06 set. de 2022.

telemedicina. Notamos que, para impedir a transmissão da Covid-19, os órgãos administrativos federais também implementaram o teletrabalho, segundo a Fiocruz⁶. Todas essas ações evidenciam o aumento no número de medidas, como pregava a OMS, para a contenção da doença no primeiro mês de pandemia no Brasil.

Entretanto, o que parecia ser uma estratégia técnica fundamentada em órgãos da saúde, o cenário mudou após o pronunciamento oficial em televisão aberta, em 24 de março de 2020, do então presidente da república Jair Messias Bolsonaro. Nesse pronunciamento, o presidente, além de subestimar uma crise global por causa da Covid-19, desaprovou as medidas de isolamento social defendidas por especialistas, pelo próprio Ministério da Saúde e já adotadas pelos governos estaduais e municipais.

Portanto, será a partir destas considerações e deste pronunciamento que vamos adentrar nos enunciados. Isso será feito por meio do campo discursivo político para que possamos analisar o discurso negacionista de acordo com nossos objetivos. Esperamos, assim, identificar as marcas e estratégias, mesmo que sutis, do discurso negacionista que se apresenta no discurso do presidente. Isso poderá ser esclarecido por intermédio das marcas de historicidade presentes no pronunciamento, que é demonstrada pelas marcas linguísticas. Logo, passamos ao trabalho de análise do corpus em questão.

4.3 As condições sócio-históricas do discurso negacionista manifestadas na materialidade do discurso

Nesta etapa da pesquisa, mostraremos como o discurso negacionista, por meio de sua historicidade, manifesta-se no interior do campo discursivo político. Salientamos que, apesar da forte presença de *corpora*, desde a fundação da análise do discurso, sobre o campo/discurso político, nosso *corpus* não escapa a esse campo, justamente por parecer-nos melhor para explicar o negacionismo.

Inclusive por acreditarmos ser um campo discursivo que nada tem de “ingênuo”. Dessa forma, Courtine (2014) diz que

Se fizermos uma abstração de uma concepção ingênua e negativista da ideologia que apresenta o discurso político como uma mensagem qualquer, transmitindo uma informação (“Nosso objeto de estudo é o discurso político, isto é, uma sequência ordenada de palavras e de frases que procura transmitir uma(umas) informação(ões) por meio da linguagem”. [LICITRA, 1974b, p.

⁶Estratégias de combate à Covid-19 disponíveis em: <<https://observatoriahospitalar.fiocruz.br/conteudo-interno/estrategia-brasileira-de-combate-covid-19-como-o-vacuo-de-lideranca-minimiza-os>>. Acesso em: 06 set. de 2022.

151]), observamos explicações centradas sobre o caráter de “objeto cômodo” do discurso político (COURTINE, 2014, p. 124).

Como constatamos, não se pode negar ou minimizar que houve a pandemia de Covid-19 no mundo e que medidas de contenção do vírus foi e ainda é relevante, por isso o Governo, representados por presidente, ministros, governadores, entre outros, desempenham um papel importante no que diz respeito os discursos, a organização da sociedade e as medidas de enfrentamento no durante e na pós-pandemia.

A complexidade de um evento como este acentua ainda mais a necessidade de uma governança de riscos que assegure que as medidas de gestão dos riscos sejam coordenadas para dar suporte aos países, estados e municípios. O setor de saúde possui papel fundamental de liderança na gestão de riscos em um processo que envolve e depende da participação de toda a sociedade, incluindo a sociedade civil (ONGs, associações de moradores, movimentos voltados para populações em favelas e indígenas, entre outros) e todos os outros setores governamentais relevantes para este enfrentamento (defesa civil, economia, educação, transportes, água e saneamento, meio ambiente, proteção social, agricultura, entre outros). Uma coordenação que envolve prioritariamente o setor saúde, mas que vai além, necessitando de uma governança de riscos para que as decisões sobre quando e como implementar as medidas, de como combiná-las e até que ponto, evitem que a cacofonia torne-se a regra e a prática no enfrentamento desta pandemia no Brasil (FIOCRUZ, 2020, p. 24).

Se esses agentes negam veementemente a pandemia ou os meios de disseminação da Covid-19, por meio de discursos, então, é no campo político que o discurso negacionista pode-se apresentar, trazendo consequências para todo o corpo social. Assim, pesquisaremos se o discurso negacionista foi disseminado pelo Governo brasileiro, consciente ou não.

Nesse viés, analisamos nesta seção o pronunciamento oficial, do dia 24 de março de 2020, do, então, presidente Jair Bolsonaro, que faz parte do campo discursivo político. Para tanto, examinamos alguns recortes do enunciado proferido por Bolsonaro, a fim de discorrer sobre as marcas de historicidade as quais podem ser retomadas, lembrando que o pronunciamento em sua totalidade está anexo no fim deste trabalho. Vejamos o primeiro recorte selecionado:

Recorte 1:

“Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse construído e, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e

evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.” – Presidente Jair Bolsonaro

O enunciador inicia mostrando que o ministro da saúde (Luiz Henrique Mandetta) se reuniu com secretários da saúde para traçar estratégias ao combate da pandemia, inclusive elogia o trabalho do ministro, chamando-o de “doutor”, dando um caráter minimamente técnico ao seu discurso, uma “aparência científica” (JESUS, 2006, p. 66). Notamos como no seu discurso ele inicia com palavras que se ligam ao campo da saúde/ciência e, dessa maneira, estaria cumprindo com uma de suas funções como presidente da república que é a preservação da vida do povo brasileiro.

Por intermédio das condições sócio-históricas do discurso negacionista apresentadas por Jesus (2006) e dos apontamentos sobre a análise do discurso político de Courtine (2014), observamos que um dos princípios da política é a defesa da vida de seu povo, inclusive por estar presente na vida de todos. Apontamos aqui que a política faz parte da prática social humana e, por isso, notamos que o discurso político está no âmbito do convencimento. Por exemplo, o enunciador político tenta convencer o maior número de pessoas por meio de recursos retóricos e de estratégias linguísticas, na tentativa de permanecer num cargo público por intermédio do voto popular. Para isso, Charaudeau (2008) afirma que o enunciador político deve ter uma dupla identidade discursiva:

O político deve, portanto, construir pra si uma dupla identidade discursiva; uma que corresponda ao conceito político, enquanto lugar de constituição de um pensamento sobre a vida dos homens em sociedade; outra que corresponda à prática política, lugar das estratégias de gestão de poder: o primeiro constitui o que anteriormente chamamos de posicionamento ideológico do sujeito do discurso; a segunda constrói a posição no processo comunicativo (CHARAUDEAU, 2008, p.79).

Nessa dupla identidade discursiva (eu-nós), Charaudeau mostra tanto uma singularidade como uma pluralidade de identidade política. Essa singularidade aponta para um enunciador com valores elevados que enuncia para um público, com objetivos específicos comuns para ambos os lados, e para um enunciador que se reporta a todos como um “porta-voz”. Charaudeau ainda nos faz refletir sobre a necessidade que o sujeito político tem de apresentar uma imagem que imprima admiração e confiança do povo, os quais fazem parte do perfil de chefia idolatrado pelas pessoas, no meio de emoções e de sentimentos. Percebemos essa estratégia no recorte 1 quando o enunciador tenta ser o “porta-voz” sobre a pandemia e demonstrar preocupação.

Com essa dupla identidade, outras marcas mais sutis vão se apresentando para minimizar ou negar a gravidade do vírus no discurso desse enunciador e se opondo ao princípio de defesa da vida, por exemplo, quando enuncia “atendimento a possíveis vítimas”. Ao relativizar com a palavra “possíveis”, o presidente nega a existência de vítimas pela doença, por meio do desvio da atenção dos números e do questionamento das afirmações de médicos e cientistas. Inclusive, no dia desse seu pronunciamento oficial, o Ministério da Saúde anunciou o número de 2.201 casos confirmados de contaminação pela Covid-19 e 40 mortos na cidade de São Paulo⁷.

Ademais, ao enunciar “Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria”, o enunciador, na verdade, pretende dizer qual é o problema naquele momento para “defesa da vida” e opõe-se em relação a gravidade do vírus, pois o que deve ser contido, pelo seu discurso, não é a doença, mas sim o “pânico, a histeria”. Ele compara uma doença letal numa pandemia com um tipo de comportamento com intensa manifestação de emoção. Notamos que isso faz parte da estratégia para continuar negando sutilmente a Covid-19, visto que o que precisa ser contido não é o vírus, mas sim essa “histeria”, que pode ser usada popularmente como um comportamento, mas também possui o significado de uma doença mental que faz parte da neurose, segundo a psicanálise⁸.

No trecho “E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos”, percebemos a preocupação do sujeito enunciador com a economia ao dizer que traça estratégia para “evitar o desemprego em massa”. Nesse trecho, não está explícita a negação da ciência, uma vez que nesse momento o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta estava construindo um plano contra o coronavírus, porém, no pronunciamento, percebemos indícios que medidas no combate ao vírus vão ao desencontro do que pregava a comunidade científica, fato confirmado pelo ex-ministro posteriormente⁹, pois ele enuncia que fez “quase contra tudo e contra todos”.

Notamos o mesmo procedimento ao comparar esse trecho com o que aconteceu no Holocausto, pois da mesma forma que Castan negava a ciência e a história em seus livros sobre os campos de concentração (JESUS, 2006), o enunciador também traz indícios dessa negação nesse recorte de seu pronunciamento ao equiparar “salvar vidas” com “evitar o desemprego em

⁷Dados disponíveis em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/24/coronavirus-brasil-casos-mortes-24-marco.htm>>. Acesso em 06 set. de 2022.

⁸ Disponível em: <<https://br.mundopsicologos.com/artigos/o-que-e-histeria-e-quais-os-principais-sintomas>>. Acesso em 24 jan. de 2023.

⁹ Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/04/mandetta-diz-que-nao-havia-trabalho-conjunto-entre-saude-e-economia>>. Acesso em 24 jan. de 2023.

massa”. Desse modo, a escolha lexical que emerge do enunciado em questão (recorte 1) demonstra que há uma perda na linha consensual com profissionais da saúde, porque ora nega de maneira sutil à pandemia, dando relevância à emoção, “histeria” e a economia, ora diz lutar contra “tudo e todos”, como se houvesse um inimigo a ser combatido, inimigo que não é necessariamente o vírus. Assim, nos traços que mostram a emergência de um negacionismo ligado ao nazismo, por exemplo, negam-se os fatos científicos para dizer que há outras questões de ordem nacional a combater e organizar, por exemplo, assuntos os econômicos e a histeria coletiva.

Essa questão sobre a histeria ainda cria um precedente para atuar no controle das informações que conduzem à histeria da sociedade, ou seja, combater as informações sobre a doença e atuar politicamente no controle autoritário transformam os outros em inimigos (aqueles que vão levando a massa à histeria), o que possibilita os efeitos de sentido para, por exemplo, "tudo e todos", que, relativas às condições mais atuais, podem localizar esse “tudo/todos” como aqueles que são de grupos opostos politicamente: os cientistas, as universidades, a esquerda, a mídia, entre outros. Vale lembrar que o lema do mandato do ex-presidente era “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”. Todo esse procedimento se constitui como estratégias do discurso negacionista.

Outra questão relevante, retomando às condições de produção do discurso negacionista, é a de que os argumentos do enunciador não se sustentam do ponto de vista histórico pela falta de comprometimento com as fontes e pelo questionamento da letalidade do vírus. Para ilustrar, ao comparar o artigo “o problema da câmara de gás” publicado em 1978 no jornal “Le Monde¹⁰” com o discurso do ex-presidente, percebemos as semelhanças sócio-históricas. Esse artigo “questionava a existência das máquinas de morte nos campos de concentração” (JESUS, 2006, p. 43), do mesmo modo que Jair Bolsonaro negava a complexidade do vírus, produzia inimigos, desconfiava de especialistas e questionava o número de vítimas pela Covid-19. Por exemplo, percebemos a negação da complexidade da pandemia ao afirmar em outro trecho do mesmo pronunciamento que “90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine” e ao chamar o novo coronavírus de “gripezinha”. Dessa forma, esse comprometimento vai se delineando com tendências políticas e ideológicas com interesses populistas, pois o enunciador acaba por minimizar os efeitos do vírus em desacordo com as autoridades da saúde. Diante disso e nos baseando no que foi explicitado pela historicidade do negacionismo, consideramos

¹⁰ Esse artigo foi publicado no jornal Le Monde, em 29 de dezembro de 1978 (JESUS, 2006, p. 43).

que no discurso político de Bolsonaro para a TV aberta podem emergir certos efeitos de sentido que caracterizam um discurso negacionista.

Percebemos melhor essa ideia ao analisarmos o segundo recorte. Nele, o negacionismo emerge de um discurso e o posicionamento contra a mídia. Vejamos o recorte 2:

Recorte 2:

“Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país.

Contudo, percebe-se que, de ontem para hoje, parte da imprensa mudou seu editorial. Pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom. Parabéns, imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam, entre nós”. – Presidente Jair Bolsonaro

Nesse recorte, emerge um discurso que visa questionar as informações sobre a pandemia proferidas pela mídia para comprovar sua tese de que a pandemia não é algo grave e que, então, quem falasse o contrário seria o inimigo. Tal como o Holocausto foi forjado pelos vencedores da guerra, segundo Jesus (2006), a pandemia estaria sendo forjada pela mídia, afinal foram os meios de comunicação que “espalharam a sensação de pavor”. Essa noção de que a imprensa seria o inimigo acaba se reforçando quando o ex-presidente enuncia não poder comparar o número de mortos na Itália com o Brasil, acusando mais uma vez a mídia de espalhar o “pânico” com essas informações.

O argumento do enunciador em questão, entretanto, não se justifica, pois foi necessário que todos tivessem conhecimento dos números para as pessoas entenderem a gravidade da doença e não haver a negação dos fatos. Notamos, mais uma vez, que o argumento “o genocídio é uma propaganda judia e dos países vencedores da guerra” (JESUS, 2006, p. 46) se parece com o argumento do enunciador, porque ele diz, de modo sutil, que pandemia seria, então, uma “propaganda” da mídia brasileira. Ele tenta, de alguma forma, fazer desacreditar as informações transmitidas pela imprensa, o que fica evidente no trecho “É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam, entre nós”, como se a imprensa não estivesse falando a verdade sobre o vírus (ele seria o único “porta-voz) e, com isso, traz como efeito de sentido que no Brasil não se justificaria a adoção de medidas de combate à Covid-19 devido à diferença entre os países. Todo esse discurso nos mostra que, para o enunciador, uma imprensa preocupada, equilibrada e com bons valores se posiciona igual a ele (e não o contrário). O enunciador sugere que ele é

“equilibrado e fala a verdade” e a imprensa não, o que mostra haver a vontade de controle da mídia por meio do apoio popular. Controle esse que é típico dos desejos de um ditador ao agir de forma negacionista.

O enunciado analisado caminha para um movimento de negação da pandemia. O enunciador, em vez de informar quais estratégias seriam tomadas para salvar vidas, descredibiliza o trabalho da mídia, veiculando a sensação de pavor provocada pela imprensa brasileira ao divulgar o número de mortos. Essa estratégia de culpabilizar a mídia pelo pânico pode levar as pessoas a acreditarem em discursos negacionistas os quais emergem do pronunciamento do, então, presidente ao invés de aceitarem o fato de que não existe explicação para tudo, fazendo aparecer, no cenário nacional, teorias da conspiração (FANCELLI, 2021). Essas teorias da conspiração “frequentemente alegam a existência de forças engenhosas e malévolas que conspiram para que o povo desconheça a realidade, forças que trabalham tão bem ao ponto de ocultar evidências [...]” (FANCELLI, 2021, p. 53).

Percebemos que o pronunciamento do ex-presidente, no recorte 2, enuncia uma tentativa de manipulação para que as pessoas possam encaixar-se ao seu modo de enxergar a pandemia, aproveitando de que as teorias da conspiração “tendem a ser aceitas em sociedades impactadas por traumas coletivos” (FANCELLI, 2021, p. 54), como é o caso dos traumas vividos pelas pessoas com a própria pandemia do novo coronavírus e o caso dos traumas das pessoas que passaram ou tiveram familiares atingidos de alguma forma pelo Holocausto. Essa questão da teoria da conspiração contribui para um discurso negacionista. Assim, tomamos o terceiro recorte para discutir possíveis características que surgem da condição de produção do discurso negacionista:

Recorte 3:

“O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos.

O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa”. – Presidente Jair Bolsonaro

Nota-se que no terceiro recorte do nosso *corpus*, surge a figura de um homem preocupado com o vírus e não nega a sua existência, ele afirma que o vírus “está sendo enfrentado por nós e brevemente passará”. Entretanto, o discurso do ex-presidente faz emergir, mais uma vez, a estratégia de desconstrução da ciência porque ele próprio torna-se a

personificação “da única fonte crível de informação, ainda mais digna de confiança do que qualquer fato” (FANCELLI, 2021, p. 45). Como podemos perceber, o enunciador, mesmo não sendo especialista na área, tem “certeza” que a pandemia será breve e isso basta. Uma grande parte das pessoas, quando ouve tal discurso, acredita ser suficiente para garantir a segurança e a capacidade de cura no caso de contágio. Isso faz transparecer uma das estratégias do discurso negacionista (JESUS, 2006) que coloca as pessoas num lugar de risco.

No recorte “Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade”, em primeiro lugar, podemos dizer que há uma “preocupação” maior com economia ao dizer que “os empregos devem ser mantidos”, pois há interesses capitalistas, por exemplo, por trás.

O negacionismo é uma maneira de sabotar a ciência, que está sob ataque e, [...], não apenas por indivíduos, mas também por empresas multimilionárias que historicamente têm financiado think-tanks¹¹ para defender seus interesses econômicos por meio de produção de estudos “científicos” tendenciosos. (FANCELLI, 2021, p. 44)

Partindo do pressuposto de Fancelli (2021), tanto indivíduos no poder quanto empresas se preocupavam com interesses econômicos, logo o enunciador demonstrou seu posicionamento ligado a esse campo discursivo e determinou que “nossa vida tinha que continuar” para não prejudicar a economia. Mais uma vez uma estratégia negacionista surge no seu pronunciamento que é aquela ligada a interesses políticos e econômicos.

Em relação ao trecho “Devemos, sim, voltar à normalidade”, em segundo lugar, podemos dizer que não havia motivo para tal afirmação visto o momento em que o país se encontrava. Com o aumento dos casos de Covid-19 no início de 2020, tanto no Brasil quanto no mundo, cientistas e médicos falavam sobre as pessoas terem que tomar certos cuidados, por exemplo, não fazer aglomerações, evitando o contato próximo com outras pessoas. Em março de 2020, ainda havia muitas dúvidas em relação ao novo coronavírus e às medidas de proteção, por isso uma medida pontual era a quarentena. Ao declarar a volta da “normalidade”, enunciada em seu pronunciamento para todo o Brasil, o enunciador atinge as pessoas as quais não podem ficar em casa porque precisam trabalhar e dependem de transporte público, isto é, pessoas mais pobres que necessitam de atenção do poder público. O movimento “fique em casa¹²” aconteceu com o agravamento da pandemia em 2020 e as mensagens com as orientações para que as

¹¹Um “think tank” é uma organização preocupada em criar e disseminar conhecimento sobre os mais variados temas, como política, economia, saúde, segurança, ciência, entre outros.

¹²Referência ao movimento “fique em casa” o qual incentivava o isolamento social durante a pandemia.

Disponível em: < <https://atarde.com.br/saude/usuarios-de-mobilizam-e-movimento-fique-em-casa-ganha-forca-na-web-1113367>>. Acesso em 11 set. de 2022.

peças fossem em casa circularam pela internet, reforçando a comoção pelo movimento e pela quarentena. Nesse movimento, o apelo foi para que a população, com sintomas da Covid-19 ou não, ficasse em casa para que não se contaminasse até o quadro de saúde mundial se estabilizar. Desse modo, o enunciador reforça o discurso negacionista, mesmo de maneira sutil, pois nega a gravidade da situação ao desqualificar o isolamento e o distanciamento social como uma medida de proteção da vida e de saúde da sociedade, inclusive incentiva a sociedade a sair de casa para trabalhar, dizendo: “a nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos”.

Os negacionistas não se autodenominam negacionistas (FANCELLI, 2021), porém, mesmo não dizendo ser um deles, o enunciador faz surgir um efeito negacionista de seu discurso. Percebemos, por exemplo, que ele alega adotar a ciência, no entanto, ele refuta qualquer tipo de evidência a qual contradiga sua ideologia. Vejamos como isso se apresenta no recorte 4:

Recorte 4

“Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. Respeitando as orientações do Ministério da Saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”. – Presidente Jair Bolsonaro

Nesse outro recorte, o enunciador continua “adotando” um mascaramento da ciência “Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus”, inclusive cita que há uma preocupação com a família ao enunciar “em especial nossos queridos pais e avós”. Nesse sentido, podemos dizer que o discurso negacionista é construído com bases em interesses ou nas próprias ideologias de quem o enuncia. Há um interesse populista em si posicionar em defesa da vida e dos nossos familiares, porém, a partir dele, as pessoas que se contaminaram sofreram com as consequências deste discurso. Por exemplo, os negacionistas, no revisionismo histórico, colocavam Hitler como uma única fonte de informação (JESUS, 2006), tal como o ex-presidente se coloca em seu pronunciamento. Para Fancelli (2021),

O negacionismo é uma ameaça à verdade, uma vez que a substitui por falso conhecimento. Para os populistas, a estratégia de desconstrução da ciência se torna bem-sucedida a partir do momento em que eles próprios tornam-se a personificação da única fonte crível de informação, ainda mais digna de confiança do que qualquer fato (FANCELLI, 2021, p. 45).

Ainda no recorte 4, o enunciador cita que “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar”, evidenciando-o como um exemplo a ser seguido, afinal ele tinha um “histórico de atleta”. Esse discurso coloca Jair Bolsonaro como exemplo a ser seguido pela nação e percorre todos os traços como o salvador, igual Hitler, o restante faz parte do grupo opositor ou deve ser manipulado. Discursos como esse criam a imagem de um super-homem, um herói/salvador da pátria, um inocente, entre outros:

Em Hitler: culpado ou inocente? (1979), Sergio persiste na afirmação de que os Judeus são os responsáveis pela guerra, fato que provaria a inocência de Hitler. Segundo o autor, os judeus teriam um plano para financiar os socialistas, que, por sua vez, dominariam a Alemanha. Hitler teria se tornado chefe do Estado alemão para impedir essa tomada de poder, frustrando o projeto (JESUS, 2006, p. 70-71).

No caso da pandemia, essa imagem produzida pelo enunciador desconstruiu o discurso que deveríamos nos preocupar com “nossos pais e avós”, mesmo que o risco de qualquer pessoa transmitir o vírus para pessoas mais velhas de nossa família ainda existisse naquele momento. Ademais, outro problema encontrado nesse recorte é que, na época, não havia comprovação científica que atletas estavam imunes ou teriam uma forma mais amena da doença. De acordo com médicos¹³, não existe nenhum dado científico que atribua a atletas uma maior imunidade a infecções virais. Apesar de tudo ser muito novo, todavia, mais uma vez, a figura do super-herói e “porta-voz” foi evocada pelo enunciador. Dessa forma, percebemos uma posição que tentou minimizar a doença e a pandemia, o que sustenta uma ideologia negacionista.

O discurso negacionista ainda emerge em outro trecho: “nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”. Notamos que esta comparação de um resfriado qualquer com a Covid-19 desqualifica a gravidade do vírus e confirma a estratégia advinda do negacionismo. Do mesmo modo que no Holocausto foram proferidos discursos e diversos escritos que constituíram “um artifício que pretende dar aparência de cientificidade às afirmações do revisionismo histórico” (JESUS, 2006, p. 64). Nesse sentido, o enunciador novamente nega de modo sutil o perigo do novo vírus, estratégia essa advinda do discurso negacionista.

¹³ Reportagem da Veja entrevista o infectologista do Instituto Emilio Ribas Jean Gorinchteyn, o qual diz que uma boa condição física não impede de entrar em contato com o vírus e desenvolver quadros graves. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/infectado-pela-covid-19-bolsonaro-colocara-a-prova-historico-de-atleta/>>. Acesso em 13 set. de 2022.

No Brasil, em 29 de abril de 2020, 30 dias após minimizar o impacto do Coronavírus no país e chamá-lo de gripezinha em rede nacional, Bolsonaro culpou os governadores dos estados pelo fato de o Brasil ter ultrapassado a China no número de mortes [...] (FANCELLI, 2021, p. 75)

Assim, o discurso que é enunciado pelo ex-presidente nega de modo sutil a doença, culpabilizando governadores e outros países e, com isso, a banaliza perante todas as pessoas. Com essa comparação, ele minimiza a gravidade da doença naquele início de pandemia, gerando como efeito de sentido a não adesão de todo corpo social que acreditou não ser necessário mudar o comportamento e ficar em quarentena para evitar a transmissão do vírus. Com tudo isso, o enunciador acaba também por justificar a ineficiência do seu governo, muito por “culpa” dos outros governos que aderiram ao movimento “fique em casa”: “Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa”. Assim, percebemos como o enunciador sempre tenta encontrar um culpado para os problemas envolvendo a pandemia e o seu governo, algo típico das características negacionistas discutidas por Jesus (2006) e Fancelli (2021).

Ademais, o efeito de sentido provocado pelo seu pronunciamento em rede nacional nega de maneira sutil a pandemia de Covid-19 e a sua gravidade. Dessa forma, o “ataque” à ciência, à imprensa, entre outros, é uma maneira de negar a realidade. Como cita Fancelli (2021):

A verdade não pode ser somente baseada naquilo que parece estar certo ou no que se encaixa em nossas visões de mundo. A ciência defende que teorias devem ser postas à prova, já que simplesmente desejar que algo seja verdadeiro não o torna realidade. (FANCELLI, 2021, p. 76)

A partir das condições de produção (CP), entendemos que o discurso negacionista emerge do pronunciamento do ex-presidente Jair Bolsonaro. Além disso, as mesmas CP reforçam uma negação de modo sutil, pois ele usa de palavras/expressões pensadas para negar a pandemia e disseminar ideias negacionistas ao fazer que suas teorias aparentassem com o discurso científico. Por meio da análise desses recortes do ex-presidente e da comparação com as estratégias do negacionismo estudadas, percebemos que o discurso negacionista pode estar presente no campo discursivo político. Isso se dá pelo fato de o discurso negacionista ser considerado atópico, que está à margem da sociedade, circulando nas “sombras” /às escondidas. O discurso negacionista se insere, desse modo, naqueles discursos que possuem legitimidade, como é o caso do discurso científico, considerado um discurso tópico (MAINGUENEAU, 2006). Para adentrarmos a essa discussão e análise, partiremos para a próxima seção.

4.4 A paratopia no campo discursivo político e no campo científico

Nesta seção do nosso trabalho, damos continuidade às nossas análises, abordando como se apresenta a paratopia no discurso negacionista. Continuamos a trabalhar com o pronunciamento do ex-presidente Bolsonaro, para que tenhamos elementos que subsidiem as reflexões sobre o discurso negacionista. Esse discurso analisado é pertencente ao campo discursivo político e focalizamos, nesse campo, por encontrarmos um espaço discursivo onde emerge o negacionismo.

Para trabalharmos com a paratopia, de acordo com o que foi postulado por Maingueneau (2006), faz-se necessário retomar as definições deste termo e discorrer sobre como isso se aplica ao nosso *corpus*. Retomando a proposta de Maingueneau (2006, 2010 e 2015), há discursos que são mais aceitos e pertencem à sociedade, por exemplo, o discurso científico. Esse é considerado um discurso tópico, pois interage na construção dos argumentos e, para ele ser considerado assim, contamos com cientistas, universidades com pesquisadores, associações científicas, gêneros discursivos em que esse discurso se materializa, entre outros. O discurso paratópico é diferente, pois ele pertence e não pertence, numa relação paradoxal que se institui e se integra paralelamente ao discurso vigente. Isso fica evidenciado quando entendemos que a base do discurso científico vem da “razão” e do “consenso” e não do cientista propriamente dito.

Já o discurso atópico com sua existência paradoxal apresenta como característica um “não-lugar”, isto é, ao mesmo tempo que “ele existe”, “ele não existe”, aparece nas “sombas”. O discurso negacionista, por exemplo, existe e produz certos efeitos na sociedade, porém ele não tem direito de existir, não pode ter um direito de cidadania. Ninguém se diz negacionista, pelo menos em público, e não existe gêneros discursivos próprios para o discurso negacionista. Na verdade, como vimos no pronunciamento do enunciador, esse discurso “parasita” emerge do gênero utilizado. Então, de acordo com Maingueneau (2010, p. 167), o discurso atópico é uma produção “clandestina, nômade, parasita, ocultada”, numa relação paradoxal de “é impossível que ela não exista” e “é impossível que ela exista”.

Indícios de atopia podem ser apontados no pronunciamento do ex-presidente Jair Bolsonaro. Na posição de chefe de Estado, presidente da república, ao minimizar a pandemia dizendo ser apenas uma “gripezinha”, e ao não alertar a população sobre a gravidade de uma pandemia, o enunciador se pronuncia a partir de um discurso que se constrói numa zona indefinida, envolvida em “sombas”.

Na versão “clássica” da paratopia, aquela sobre a qual acabo de me basear, os discursos constituintes são discursos que constroem identidades fortes, ancoradas em um Absoluto cujos poderes devem ser captados por modos de enunciação apropriados. Ora, quando se observa o mundo contemporâneo, percebe-se que existem conjuntos de práticas discursivas que constituem problema (MAINGUENEAU, 2010, p. 164).

Esse é o caso específico do mundo político. Há diversas maneiras de entendê-lo, por exemplo, de um ponto de vista social, econômico, psicológico, entre outros. Inclusive, podemos entendê-lo a partir da análise do discurso. Nesse contexto, a política é percebida como um espaço de produção e circulação de gêneros do discurso ligados a comunidades específicas e é justamente o seu funcionamento nesses espaços que refletimos sobre os discursos constituintes. Percebemos regularmente pela historicidade um “culto” a figuras políticas, como Hitler ou Jair Bolsonaro. O “ídolo” varia entre a “testemunha privilegiada de um Absoluto e objeto de devoção a ele próprio” (MAINGUENEAU, 2010, p. 164). Os fãs de Bolsonaro, por exemplo, reuniam-se na entrada do palácio da Alvorada, faziam manifestação em apoio a seu governo, administravam fóruns ou comentavam textos nas redes sociais, entre outros. Nesse sentido, notamos as práticas discursivas ligadas ao político e às “sombras” e, para esses fenômenos,

poderíamos falar de relação de “tropismo” no que diz respeito aos discursos constituintes. Porém, podemos distinguir o tropismo global do discurso político, que tem a pretensão de tocar o conjunto da coletividade, e os tropismos restritos das “sombras”. Além disso, o tropismo pode ser mais ou menos forte. Pode mesmo acontecer que o discurso político, longe de se apoiar em discursos constituintes, tenda a se aproximar ao máximo desses discursos, a ponto de tentar se substituir a eles. Foi assim que se pôde sustentar que o nazismo funcionava como uma religião (MANGUENEAU, 2010, p. 165).

De fato, nessa linha de raciocínio, o pertencimento do discurso negacionista ao espaço social é problemático. Como aponta Maingueneau (2010, p. 166), “trata-se de uma produção tolerada, clandestina, noturna, que penetra nos interstícios do espaço social”. Como protagonista do atual cenário político, o enunciador reproduz a identidade do discurso no qual se insere, um discurso cheio de negação que, dessa forma, “penetra” no espaço social.

Toda essa perspectiva analisada do discurso negacionista nos permite apreender as afirmações de Maingueneau (2006) sobre o discurso paratópico e atópico. Estendendo essa reflexão ao pronunciamento do ex-presidente Bolsonaro, por exemplo, percebemos que o sentido que emerge dos enunciados é instável, pois a interpretação e a adesão ao discurso científico ali presente são marcadas por dois lados que ora asseguram e defendem a ciência, ora esquivam-se e contrariam seus preceitos.

Bolsonaro também faz emergir um sujeito preocupado em “fazer escondido”, “às sombras”, enquanto a imprensa estava ocupada tratando do impacto da Covid-19. Nesse momento, parece-nos importante situar a posição de nosso trabalho, no campo da AD, em relação à gravidade dos efeitos atópicos ligados ao negacionismo. Assim, voltamos a apresentar os recortes para tratar especificamente sobre essas questões:

Recorte 1

“o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.” – Presidente Jair Bolsonaro

Recorte 2

“Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país”. – Presidente Jair Bolsonaro

Recorte 3:

“O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos”. – Presidente Jair Bolsonaro

Recorte 4

“No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”. – Presidente Jair Bolsonaro

Nesses enunciados, notamos marcas ideológicas presentes no pensamento de sujeitos políticos que propiciam efeitos de sentido ligados à paratopia de identidade. Esse tipo de paratopia (MAINGUENEAU, 2006) é aquela que indica negação a um grupo, que é de ordem da alteridade (o outro é o “exótico), ou seja, eu sou o normal, não o contrário do que eu sou. A partir disso, refletimos que no discurso negacionista, desses recortes de Jair Bolsonaro, produz-se uma divisão entre a sociedade. Ligados a esse “eu” / “nós” temos os patriotas, os trabalhadores, cidadãos de bem, entre outros; já ligados ao “exótico”/ “eles” temos a mídia, os cientistas, os esquerdistas, entre outros.

Além disso, nesse processo, o presidente Bolsonaro faz emergir uma outra paratopia de identidade quando ele nega pertencer aos grupos políticos: “Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa”, ou quando notamos que ele tolera a mídia: “Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país”. Na paratopia de identidade, o enunciador tenta dar um efeito paratópico ao enunciar o que a sociedade espera dele, porém não se sustenta porque ele fica no limiar entre a ciência e o negacionismo atópico.

Quando lançamos nosso olhar para o recorte 1 que afirma “o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria”, podemos retomar a ideia do enunciador em preocupar-se mais com o sentimento de “histeria” do que com o vírus, o que confirma esse negacionismo atópico. Isso é reforçado no recorte 2 quando ele enuncia que foi “potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país”, trazendo à tona a culpabilização do “outro”, neste caso da mídia. No recorte 3, vemos a negação da ciência e a preocupação com a economia ao dizer que o vírus “brevemente passará” e que os “empregos devem ser mantidos”, mais uma vez a paratopia de identidade aparece tentando mostrar o que a sociedade espera. Por fim, isso é reforçado também no recorte 4, pois ao enunciar que “caso fosse contaminado pelo vírus [...] seria acometido de uma gripezinha” o enunciador “esquece-se” de que os especialistas em saúde durante a pandemia não garantiam nada disso e faz emergir, mais uma vez, a paratopia de identidade de ordem física ao afastar a doença dele, ou seja, esse enunciador indica não pertencer ao grupo das pessoas que seriam acometidas pelo efeito mais grave da Covid-19. É necessário pontuar que o discurso negacionista surge no discurso dos sujeitos de maneira sutil ou até mesmo inconsciente, porém, a partir do discurso proferido no pronunciamento do ex-presidente da república, eles nos permitem perceber os posicionamentos assumidos de um negacionismo atópico, tal como preconiza Maingueneau (2006, 2015).

Portanto, o discurso negacionista, nos recortes analisados, aparenta estar numa linha tênue entre a paratopia e a atopia, numa relação paradoxal, pois, do mesmo modo que é a “sombra”, não deve existir, também existe na nossa sociedade. Dessa forma, entendemos que o negacionismo é uma ameaça às instituições e à democracia e deve ser mantido num lugar atópico. Isso denota a urgência de se compreender o discurso negacionista enquanto movimento sócio-histórico com estratégias argumentativas e com uma organicidade e modos de circulação no nosso meio para, assim, aboli-lo.

5 CONCLUSÃO

Durante o transcorrer do trabalho, buscamos delinear, inicialmente, os conceitos da análise do discurso, principalmente os conceitos-chaves que fundamentaram o nosso percurso da pesquisa.

No primeiro capítulo teórico, fundamentamos o conceito de discurso, sujeito, formação discursiva e lugares do discurso, visando utilizá-los como ferramentas de análise do *corpus* escolhido para que logo entendêssemos o discurso negacionista.

Assim, o espaço discursivo que construímos da análise se dá a partir do pronunciamento proferido pelo ex-presidente Bolsonaro em televisão aberta e o possível efeito de sentido com o negacionismo, o que não estava explícito num primeiro momento. Consideramos que esse discurso negacionista, posicionado no campo discursivo político, é atópico.

O discurso negacionista não compõe o mesmo lugar do discurso científico (paratópico), uma vez que não estamos tratando de um discurso que é composto por uma cenografia própria aceita pela sociedade. Ele pode ser incorporado em outros discursos, o que permite passar sem que explicita a sua presença. Vale ressaltar que o discurso negacionista é marcado de interdições, por exemplo, em virtude dos sujeitos não se assumirem negacionistas, ou seja, ele aparece de forma sutil.

No segundo capítulo teórico, marcamos a condição de produção a partir de estudos de Maingueneau (2006, 2015) e de Jesus (2006). O conceito de CP do discurso permitiu que usássemos da História, da Sociologia e da Filosofia para entendermos como o discurso carrega em si marcas de historicidade, pois o que é dito hoje tem relação com o que já foi dito em outras épocas.

No que tange às CP do discurso negacionista, percebemos que a sociedade, durante o Holocausto, pôde entrar em contato com estratégias que visavam negar os acontecimentos do período de maneira bem estratégica, porém, na contemporaneidade, deixamos claro que esse movimento/essas estratégias emergiam de maneira sutil por meio do discurso no pronunciamento do ex-presidente Bolsonaro.

Por intermédio dessas categorias de análise, podemos compreender que, no interior do pronunciamento sobre a pandemia, em março de 2020, houve “deslizamentos” dos sentidos assumidos pelo ex-presidente do Brasil. A relação que ele estabelece com seus coenunciadores aparenta ter um viés científico e metodológico, sendo diferente das características do negacionismo, entretanto, o que emerge é o contrário do que pregava a comunidade científica da época, no que se refere à pandemia.

Durante a análise do *corpus*, percebemos que estratégias argumentativas, aparência científica, escolha de palavras e questionamento da gravidade do vírus foram estratégias parecidas com as do Holocausto. Mesmo assim, o discurso negacionista não apareceu de forma explícita com o ex-presidente dizendo “sou negacionista”, mas de modo implícito e sutil.

Melhor dizendo, as análises feitas aqui, com o uso de categorias da análise do discurso, como a historicidade e a paratopia, permitiram-nos afirmar que o discurso no pronunciamento do ex-presidente Bolsonaro corresponde, em muitos aspectos, ao discurso negacionista. Observamos traços e estratégias como a posição do enunciador que se diz “preocupado” com a ciência, porém deturpa e nega de modo sutil teses e consensos científicos, que é uma marca do negacionismo (revisão histórico), além de teorias conspiratórias relacionadas à pandemia e de palavras “especiais” as quais visavam minimizar e/ou difundir ideias negacionistas. Notamos também que é característica de um movimento de negação quando se tenta tirar proveito na aprovação de atos que, no momento, seria de menor interesse devido à gravidade da pandemia de Covid-19, como investir num discurso preocupado com a economia, por exemplo.

A confirmação, nos recortes analisados, do negacionismo, que abarca a dimensão linguística e ideológica, deve ser vista com preocupação por especialistas e pela sociedade para evitar que esse movimento se institucionalize no Governo Federal, como foi percebido no pronunciamento do, então, presidente da república durante a pandemia do novo coronavírus. Podemos dizer que esse ator político proferiu discursos negacionistas “disfarçados” de preocupação com a ciência, com a Covid-19, entre outros.

Por fim, o simples fato de o discurso negacionista incomodar e não ser aceito pela sociedade em geral significa que ele continua, e deve continuar, um discurso atópico e não paratópico, tal como o pretendemos comprovar. As reflexões e análises constituíram o discurso negacionista como atópico, mesmo com a figura do ex-presidente que, consciente ou não, negou e minimizou a Covid-19.

Esperamos, dessa forma, por meio de nosso trabalho e pelas categorias da análise do discurso, como condições sócio-históricas, paratopia, entre outras, que haja uma melhor compreensão das estratégias do discurso negacionista e, com isso, mantê-lo na “clandestinidade”, no mesmo lugar de outros discursos indesejáveis como os discursos xenofóbicos, homofóbicos, racistas, machistas, entre outros. O alcance desta pesquisa tem um limite por causa do *corpus*, o que deixa em aberto para que novos trabalhos percorram mais elementos dessa complexidade, no que se refere à análise do discurso negacionista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. Retrospectiva 2020: relembre os fatos que marcaram março. **Agência Brasil**, Brasília, 22 dez. 2020. Geral. s/p. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-12/retrospectiva2020-marco>>. Acesso em: 06 set. de 2022.

Althusser, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.

BAPTISTA, Carlos Alberto; VASCONCELLOS, Victor Hugo da Silva. A paratopia para além dos discursos constituintes. In: **Paratopia: Série discurso e cultura**, volume 3. org. CANO, Márcio Rogério de Oliveira; ELIAKIM, Jonatas; NASCIMENTO, Jarbas Vargas. São Paulo: Blucher, 2020.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Unicamp, 2004.

BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Organizado por Lucia Santaella. – Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

CANO, Márcio R. Oliveira. **A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico**. Tese. São Paulo, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução por Angela M. S. Carrêa. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

CARREIRA, Rosângela A. Ribeiro. **A paratopia testemunho-documental e o discurso da negritude em vencidos e degenerados**. Tese. São Paulo, 2015.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

FANCELLI, Uriã. **Populismo e negacionismo: o uso do negacionismo como ferramenta para a manutenção do poder populista**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREUD, Zigmund. **A negação**. Cosac Naify, e-book, 1ª ed. 2014.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (BRASIL). **A Gestão de riscos e governança na pandemia por Covid-19 no Brasil: análise dos decretos estaduais no primeiro mês**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2020.

JESUS, Carlos Gustavo Nobrega de. **Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância, 1987-2003**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

LINS, Neilton Farias. **Os ditos e os não ditos nas capas da Istoé e Veja**. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Ano 09 - n.17 – 2º Semestre de 2013.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas. SP: Pontes, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Gênero: Historicidade de um gênero de discurso: o sermão. In: MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Sousa-e-Silva. Tradução de Adail Sobral *et. al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010b.

MAINGUENEAU, Dominique. Paratopia: A paratopia e suas sombras. In: MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Sousa-e-Silva. Tradução de Adail Sobral *et. al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010b.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006, p. 89-133.

MOIRAND, Sophie. **Formas discursivas da difusão de saberes na mídia**. In: Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da UNICAMP – NUDECRI. Campinas, n. 6, p. 9-24, mar. 2000.

OLIVEIRA, Hélio (2021). **O “gabinete das sombras” e o discurso negacionista no Brasil**. Cadernos de Linguística, v. 2, n. 4, e427.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Histórico da pandemia de COVID-19. **OPAS**, 2020. Folha informativa. s/p. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 06 set de 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Orlandi. *et. al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

UOL Notícias. **‘Gripezinha’: leia na íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre Covid-19**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>. Acesso em 26 de ago. de 2022.

ANEXO

Pronunciamento oficial do, então, presidente Jair Messias Bolsonaro sobre a pandemia (24/03/2020)

Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, em uma operação coordenada pelos ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, surgiu para nós um sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil.

Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse construído e, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.

Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país.

Contudo, percebe-se que, de ontem para hoje, parte da imprensa mudou seu editorial. Pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom. Parabéns, imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam, entre nós.

O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos.

O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. Respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil e largamente utilizado no combate à malária, lúpus e artrite.

Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura desta doença.

Aproveito para render as minhas homenagens a todos os profissionais de saúde. Médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores que, na linha de frente nos recebem nos hospitais. Nos tratam e nos confortam. Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o início, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo neste novo Brasil, que tem tudo, sim, para ser uma grande Nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos, Deus abençoe nossa pátria querida.